

*doce quando o Braz
nos envia a primeira
segunda, se he subtil,
argua qual samarqueira
o fazes bailar*

CINQUENTA ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA NA FLUP

ORG.
ARNALDO SARAIVA
FRANCISCO TOPA

CINQUENTA ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA NA FLUP

ORG.

ARNALDO SARAIVA

FRANCISCO TOPA

Título: ***Cinquenta anos de Literatura Brasileira na FLUP***

Organização: Arnaldo Saraiva (U. Porto/CITCEM), Francisco Topa (U. Porto/CITCEM)

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Capa: Cartaz da sessão comemorativa dos 50 Anos de Literatura Brasileira na FLUP.

Design de Marta Sofia Costa (CITCEM)

© 2024 Autores

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Este trabalho é sujeito a *double-blind peer review*.

Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada *online* (<https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1936&sum=sim&n0=Edi%C3%A7%C3%B5es%20do%20CITCEM&n1=Cinquenta%20Anos%20de%20Literatura%20Brasileira%20na%20FLUP>) e licenciada segundo uma licença Creative Commons de Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



eISBN: 978-989-8970-76-3

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-76-3/cin>

SARAIVA, Arnaldo, e Francisco TOPA, org., 2024. *Cinquenta anos de Literatura Brasileira na FLUP*. Porto:

CITCEM. 77 pp. eISBN 978-989-8970-76-3.

Porto, maio de 2024 (1.ª edição)

Paginação: João Candeias

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades do grupo de investigação «Literatura e Diálogos Interculturais» e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020, DOI 10.54499/UIDB/04059/2020.

SUMÁRIO

Meio século de um Porto seguro	5
Francisco Topa	
Para a história do ensino da literatura brasileira no Porto	9
Arnaldo Saraiva	
O romance policial de Rubem Fonseca	23
Maria de Fátima Marinho	
Deslocações transatlânticas com João Ubaldo Ribeiro	33
Maria de Fátima Outeirinho	
Do fim do mundo na poesia brasileira: alguns exemplos, anúncios, exorcismos	43
Pedro Eiras	
Cláudio Manuel da Costa, Pope e Vergílio: a propósito da tradução de uma écloga	57
Francisco Topa	

MEIO SÉCULO DE UM PORTO SEGURO

FRANCISCO TOPA*

INTRODUÇÃO

Em tempo de centenários — de nascimento, de morte, de fundação e, cada vez mais, de vida —, meio século pode parecer um marco sem significado de maior. A impressão desfaz-se, porém, se pensarmos que se trata do ensino da literatura brasileira num país e numa instituição que nem sempre têm olhado com bons olhos para o outro lado do Atlântico, o que tem trazido, mais nuns momentos que noutros, dificuldades acrescidas para o reconhecimento e a afirmação deste espaço curricular. Em 1972, quando a disciplina começou a ser ensinada na Faculdade de Letras do Porto, ambos os países viviam sob regime ditatorial, as relações entre eles eram distantes e difíceis, mas era grande a curiosidade dos portugueses e a vontade de ultrapassar os obstáculos. Cinquenta anos depois, a distância diminuiu, as relações tornaram-se mais fáceis, mas a curiosidade e o interesse dos portugueses pelo Brasil também diminuíram, acompanhando a flutuação da imagem do país no exterior e a oscilação das relações luso-brasileiras e dos respetivos momentos migratórios.

Apesar disso, a área está consolidada, graças sobretudo ao trabalho desenvolvido pelo Prof. Arnaldo Saraiva, figura bem conhecida no Brasil pelos seus estudos sobre o modernismo e variadíssimas outras matérias e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Durante o seu magistério, a área foi-se impondo internamente, ganhando prestígio e espaço curricular, e externamente, tanto a nível nacional como no plano internacional. Durante algum tempo beneficiou ainda da «explosão» do número de estudantes universitários proporcionada pela Revolução dos Cravos, do prestígio e da popularidade de alguns escritores brasileiros hostilizados em Portugal durante o Estado Novo e da curiosidade perante um país que chegava à maioria dos portugueses através das telenovelas. O Brasil era nessa altura um país distante, de onde não era fácil obter livros nem informações, o que dificultava sobremaneira a preparação de aulas e a realização de pesquisas, tanto mais que — pelo menos na área das humanidades — os centros universitários de investigação e a agência nacional de fomento estavam ainda a começar ou passavam por uma reestruturação profunda.

* U. Porto/CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

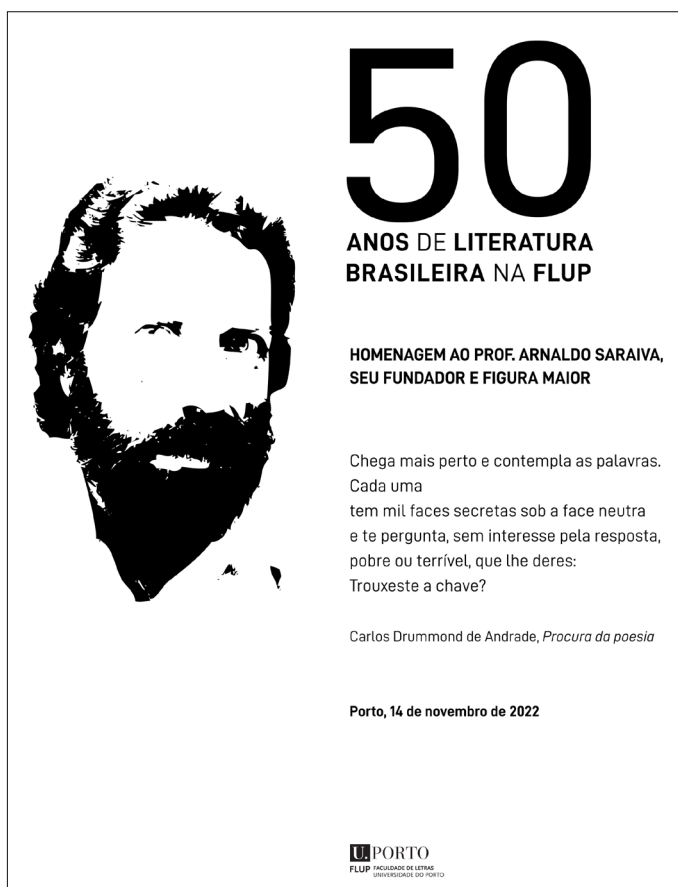


Fig. 1. Maquete da placa comemorativa que foi colocada num dos jardins da FLUP, juntamente com um jacarandá
Fonte: Elaborada pelo autor

Era esta uma época em que a literatura brasileira, não sendo obviamente desconhecida em Portugal, não tinha ainda aqui uma presença transversal: poucas editoras publicavam regularmente livros brasileiros; à exceção de alguns clássicos mais antigos e dos romancistas de 30, o panorama editorial de incidência brasileira era pobre; os autores brasileiros quase não tinham presença nos programas e nos manuais de língua portuguesa; com poucas exceções, a imprensa (mesmo a especializada) acompanhava de longe o que ia saindo no Brasil. Aos poucos, porém, o cenário foi mudando, quero crer que devido sobretudo a dois fatores: por um lado, à melhoria progressiva da imagem externa do Brasil, particularmente durante as presidências de Fernando Henrique Cardoso e de Lula da Silva (neste caso, as primeiras); por outro, devido ao impacto que gerações sucessivas de novos professores de língua portuguesa dos ensinos básico e secundário, formados com programas que incluíam a literatura brasileira, começaram a ter junto dos jovens portugueses e da sociedade em geral.



Fig. 2. Aspeto da assistência do colóquio *50 anos de Literatura Brasileira na FLUP*
 Fonte: Fotografia do autor

Como acontece em todos os centros de estudos brasileiros fora do Brasil, os recursos — antes de mais humanos — são sempre muito limitados, obrigando em geral os seus docentes a atuarem como «generalistas», pelo menos ao nível do ensino de 1.º ciclo. Apesar disso, no caso da FLUP, contámos durante um período relativamente longo com dois professores, o que permitia cobrir em profundidade os domínios mais importantes da literatura brasileira e diversificar a oferta formativa, alargando-a ao ensino pós-graduado. De 1972 até hoje, passaram pela área da literatura brasileira na FLUP um total de nove professores: os cinco que participaram no colóquio que está na base do presente volume; duas docentes que trabalham hoje noutras universidades; e dois professores brasileiros que aqui ensinaram por curtos períodos de tempo, Teresa Leal Martínez, já falecida, e Fábio Lucas.

Do conhecimento aqui produzido dirão os nossos pares e o público a quem ele é destinado. A exposição que acompanhou o colóquio de 14 de novembro de 2022 ilustrou algum do muito trabalho que tem sido feito, patenteado em livros, revistas, artigos, edições, cartazes e programas de congressos, mas também textos de apoio, fichas escolares, folhas de presença, fotos e outros materiais, muitos deles revestidos hoje de um forte valor sentimental.

Os cinco ensaios que se seguem ilustram de algum modo estes 50 anos de trabalho sobre literatura brasileira na FLUP. No primeiro deles, Arnaldo Saraiva completa a

história deste espaço curricular no Porto, ao passo que Maria de Fátima Marinho aborda o romance policial de Rubem Fonseca, Maria de Fátima Outeirinho estuda um livro de crónicas de João Ubaldo Ribeiro e Pedro Eiras considera a poesia brasileira mais recente sob a ótica do fim do mundo. O volume termina com um trabalho do autor destas linhas sobre a tradução de uma epístola de Alexander Pope atribuída a Cláudio Manuel da Costa.

Não sendo grande, o volume que agora vem a lume mostra com clareza que a literatura brasileira continua a ter no Porto um porto seguro.

PARA A HISTÓRIA DO ENSINO DA LITERATURA BRASILEIRA NO PORTO

ARNALDO SARAIVA*

Resumo: *O artigo faz a história do ensino da literatura brasileira na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, destacando alguns dos seus momentos e iniciativas mais importantes.*

Palavras-chave: *Literatura brasileira; Faculdade de letras da Universidade do Porto; Ensino.*

Abstract: *The paper describes the history of the teaching of Brazilian literature at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto, highlighting some of its most important moments and initiatives.*

Keywords: *Brazilian literature; Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto; Teaching.*

Publiquei em 1973 um ensaio intitulado *Meio Século de Estudos Brasileiros na Universidade Portuguesa*. Nessa altura não podia imaginar que quase meio século depois estaríamos a celebrar meio século de estudos brasileiros, de Literatura Brasileira, na Universidade do Porto. Celebrar, como se celebra um aniversário em família, com alegria mas sem espanto nem desajustada jactância, porque desde o início se nos impôs o cumprimento de um dever nacional (não só portuense) e cultural (não só literário, universitário e pedagógico), e porque temos consciência de limites contra os quais lutámos.

A celebração obriga a pensar nos muitos alunos que ao longo de cinco décadas se inscreveram na cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras do Porto mas em especial nos seus docentes: além de mim, Teresa Leal Martínez (que faleceu em 2012), Maria de Fátima Marinho, Francisco Topa, Pedro Eiras, Maria de Fátima Outeirinho, Joana Matos Frias (que hoje é docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e Alexandra Moreira da Silva (agora docente da Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle).

Quando foi refundada em 1962, a Faculdade que, como a encerrada em 1931, se chamava de Letras do Porto, ofereceu inicialmente só os cursos de História e de Filosofia. Mas em 1969 começou a oferecer um verdadeiro curso de letras, com o nome de Filologia Românica, abreviadamente designado como: Românicas. Nesse ano eu era bolseiro do governo francês e aluno de Gérard Genette, depois de o ter sido de Roland Barthes, na École Pratique des Hautes Études, em Paris, onde me surpreendeu uma carta enviada por Maria de Lourdes Belchior, que tinha sido minha professora na Faculdade de Letras de Lisboa e que desempenhava as funções de adida cultural de Portugal no

* U. Porto/CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). ORCID: 00 00 000170601088.

Rio de Janeiro quando eu aí estivera a preparar a minha tese de licenciatura sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Nessa carta, a responsável e «fundadora», poucos meses antes, do referido curso de Românicas convidava-me, já concertada com o diretor da Faculdade, António Cruz, para integrar o corpo docente desse curso. Inicialmente, embora sensibilizado com o convite obviamente honroso, manifestei as minhas dúvidas ou hesitações em relação à hipotética troca do estudo pela docência e de Paris pelo Porto; mas Maria de Lourdes Belchior convenceu-me no encontro que quis ter comigo quando vim a Lisboa passar as férias da Páscoa, e sobretudo quando me anunciou que eu ficaria responsável pela cadeira de Literatura Portuguesa e pela cadeira de Literatura Brasileira.

Pelo curriculum então vigente, também nas Faculdades de Letras de Lisboa e de Coimbra, esta cadeira só funcionaria dois anos depois, já que era oferecida aos alunos do 4.º ano. Eu iniciaria a minha docência no ano letivo do 1970/1971, ensinando apenas Literatura Portuguesa I (Medieval) aos alunos então no seu 2.º ano. Mas poucos dias antes da abertura das aulas, António Cruz pressionou-me para ensinar também Literatura Francesa I, por não ter encontrado outro professor disponível e por querer que eu preenchesse o normal horário de trabalho docente.

Regendo essas duas cadeiras no ano seguinte, e ao que parecia com sucesso, o mesmo diretor da Faculdade achou que eu deveria continuar a regê-las por mais tempo, pelo que pensou em contratar outro professor para a Literatura Brasileira. E contratou quando, depois de consultar Maria de Lourdes Belchior, esta lhe sugeriu o nome da professora brasileira Teresa Leal Martínez, pernambucana especializada em literatura espanhola que viera dos Estados Unidos para Lisboa depois do seu divórcio com o professor de origem galega Enrique Martínez López (que por sinal viria a ter como colega quando em 1978 fui ensinar na mesma universidade americana).

Só soube desse convite pouco depois da sua formulação e não escondi o meu espanto e desgosto a António Cruz, a quem lembrei o que me fora prometido dois anos antes. Para não faltar à sua palavra, ele tomou então a salomónica decisão de dividir a docência da cadeira entre Teresa Leal Martínez, que daria as aulas supostamente «teóricas», e eu, que daria as aulas supostamente «práticas».

Foi em 14 de novembro de 1972 que nós os dois decidimos fazer, juntos, por comum acordo, a aula de «apresentação», para os alunos do 4.º ano, que dois anos antes tinham sido os meus primeiros alunos. Teresa Leal Martínez manteria ao longo do ano a residência em Lisboa e, talvez também por isso, já não quis ensinar no Porto em 1973/1974, pelo que fui eu sozinho que neste ano e nos três anos seguintes assumi inteiramente a docência da cadeira, que por sinal seduzia o conhecido professor e ensaísta brasileiro Fábio Lucas, então fixado no Porto, mas poucos meses depois contratado pela Universidade do Texas em Austin. Eu também decidiria retornar a Paris, desta vez para seguir o curso de A. J. Greimas na École des Hautes Études en Sciences Sociales no ano letivo de

1976/1977. Mas a meio deste ano recebi uma longa carta de Jorge de Sena, a convidar-me para a docência na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. E depois de conversar com ele quando ele passou por Paris achei por bem aceitar o convite, que, além do mais, me permitiria o convívio estreito com um escritor e um homem extraordinário.

Na minha ausência nos Estados Unidos, que durou até ao fim do ano letivo de 1979/1980, a Literatura Brasileira foi ministrada por Maria de Fátima Marinho, que voltaria a ser docente da cadeira durante o ano letivo de 1988/1989, quando a isso levou uma «reestruturação curricular» imposta pela Portaria n.º 850/87 de 3 de novembro. Esta respondia em parte a um apelo que eu e outros vínhamos fazendo, para que a cadeira de Literatura Brasileira ocupasse dois anos letivos¹. Digo «em parte» porque em vez de falar em dois anos a Portaria só autorizava um ano e um semestre.

UNIVERSIDADE DO PORTO		
Faculdade de Letras		
Ano lectivo de		1972-1973
Mês de		Novembro
Disciplina <i>Literatura Brasileira</i>		
Sumário	Sumário	Rubrica do professor
14.1	<i>Aula inaugural - Apresentação do programa</i>	<i>M. Marinho</i>
N.º de faltas do mês		(Assinatura)
Observações		

Fig. 1. Sumário da 1.ª aula de Literatura Brasileira (14 de novembro de 1972)
Fonte: Arquivo da FLUP

¹ Veja-se o que escrevi no *Expresso* de 18 de fevereiro de 1984: «Impõe-se que a Literatura Brasileira [...] passe a ser uma cadeira bienal para os cursos em que agora é anual, e passe a ser obrigatória para os cursos em que agora é optativa (aqueles em que entra a componente de Língua e Literatura Portuguesa), passando a ser optativa para todos os outros cursos das Faculdades de Letras» (Saraiva 1984).

Maria de Fátima Marinho também lecionaria a Literatura Brasileira (II) no ano letivo de 2020/2021; e no entretanto criado Mestrado de Estudos Portugueses e Brasileiros, nos anos de 1995/1996, 1997/1998, 1999/2000 e 2001/2002, daria um curso sobre *O romance histórico em Portugal e no Brasil*.

O ensino da Literatura Brasileira no Porto (e em Portugal, como mostrei em estudos que publiquei há anos²) passou sempre por dificuldades e por alterações nem sempre louváveis, exigidas por decisões ministeriais ou pelo próprio Departamento de Línguas e Literaturas Modernas³. O acesso à cadeira, que inicialmente fora possibilitado a todos os alunos de Filologia Românica, e a alunos voluntários de outros departamentos, conheceu ao longo dos anos restrições e condicionamentos que permitiam que até alunos de cursos com a componente de Estudos Portugueses pudessem licenciar-se sem a frequentarem. E a cadeira conheceu também deslocações em anos curriculares (4.º, 3.º, 2.º) e desdobramento de nomes (Literatura Brasileira I, Literatura Brasileira II, Literatura Brasileira III, Literatura Brasileira IV); mas desde meados da década de 1990 a Literatura Brasileira passou também a ser ensinada em cursos de Mestrado, de Doutoramento e Especiais (para professores; para estrangeiros; de férias), a saber: Mestrado em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas (1992-2002); Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros (1995-2002); Diploma Universitário de Especialização de Professores de Português, Língua Estrangeira (1994-2004); Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Literaturas Românicas (2002-2004); Curso de Especialização em Ensino de Português, Língua Estrangeira (2004-2008); Curso de Especialização de Clássicos de Literatura (2005-2007).

Os desdobramentos da cadeira e o número de alunos, entre os quais muitos brasileiros, sobretudo nas últimas décadas, explicam que outros professores tenham sido chamados à sua docência. O primeiro, logo em 1990, foi Francisco Topa, meu brilhante ex-aluno, que ainda assistente me substituiria quando aceitei um convite para ir ensinar na Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle durante o ano letivo de 1993/1994; e em quase todos os anos seguintes, mas sobretudo depois da minha aposentação em 2009, ele tem desempenhado um papel fundamental no ensino da Literatura Brasileira, que na mesma década de 1990 (anos 1996-1999) passou a contar com a assistente, também minha ex-aluna, Joana Matos Frias, e que já no século XXI foi ministrada por Pedro Eiras e, eventualmente, por Alexandra Moreira da Silva e Maria de Fátima Outeirinho.


² Saraiva 1973; Saraiva 1999, pp. 7-17.

³ Além dos textos referidos na nota anterior, há outros textos que dão conta das aludidas dificuldades e alterações, em especial os relatórios que apresentei para as minhas provas universitárias de Professor Associado (Saraiva 1989) e de Agregação (Saraiva 1992), e o relatório apresentado por Francisco Topa para as suas provas de Professor Associado (Topa 2003). Mas também dei conta de problemas do ensino da literatura brasileira em Portugal num «Depoimento» ao *Diário Popular* (Saraiva 1983) e no artigo *A literatura brasileira em Portugal* do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Saraiva 1998).

Universidade do Porto — Faculdade de Letras

Disciplina *Literatura Brasileira*, Ano lectivo: *1980-81*

Aluno *Inês Inês Ribeiro Lourenço de Sousa* (Ord. — *Vol.*)

Outubro . . .					
Novembro . . .					
Dezembro . . .					
Janeiro . . .					
Fevereiro . . .					
Março <i>81</i> . . .					
Abril					
Maió					
Junho					
Julho					

Licenciatura em *Estudos Portugueses*

Exame final { Escrito (1.ª ép.) _____ (2.ª ép.) _____ Ano _____
 Oral (1.ª ép.) _____ (2.ª ép.) _____ N.º _____

Fig. 2. Ficha da aluna-poeta Inês Lourenço
 Fonte: Arquivo de Arnaldo Saraiva

Quando começou o ensino de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras do Porto ele já era oferecido, associado ou não à Cultura, na Faculdade de Letras de Lisboa, desde 1923, e na de Coimbra, desde 1960. Posteriormente passaria a ser ministrado, nalguns casos por pouco tempo, na Universidade Nova de Lisboa (1978), na Universidade dos Açores (1979), na Universidade Católica-Braga (1981), na Universidade de Aveiro (1982/1986), na Universidade Católica-Viseu (1983), na Universidade de Évora (1987), na Universidade do Minho (1991), na Universidade Aberta (1994), na Universidade da Madeira (1997) e na Universidade do Algarve (2001).

Talvez em nenhuma outra cidade o estudo de literatura brasileira se justificasse tanto como no Porto, cidade onde nasceram Pero Vaz de Caminha, Bento Teixeira, Tomás Pinto Brandão, Tomás António Gonzaga, Faustino Xavier de Novais...; cidade onde nasceram, viveram, ou atuaram grandes personalidades com importante influência cultural no Brasil (Camilo, Carolina — esposa de Machado de Assis —, Sampaio Bruno, Jaime Cortesão, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Alberto de Serpa...); cidade de editores e livreiros como Chardron, Álvaro Pinto, Lello, António de Sousa Pinto (fundador de Livros do Brasil)...; cidade onde viveram Magalhães de Azeredo, e, em tempos mais recentes, Renato Mendonça, Vasco Mariz, António Torres e João Cabral de Melo Neto (por graça, poderíamos lembrar que foi também a primeira cidade de língua portuguesa onde parou Clarice Lispector)...; cidade celebrada por, entre outros, Casimiro de Abreu, Cecília Meireles, José Lins do Rego, Érico e Luís Fernando Veríssimo, João Cabral, Carlos Nejar...; cidade onde três diários — *Jornal de Notícias*, *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro* — dedicaram desde a sua fundação especial atenção à literatura do Brasil, onde nos anos de 1940 foi publicada a revista *Brasil Cultural*

e onde alguns estudiosos, entre os quais Damião Peres, Magalhães Basto — autor do livro *Porto e Brasil* —, Hugo Rocha e Amândio Marques, criaram também nos anos de 1940 um Grupo de Estudos Brasileiros, que editou a revista *Terra de Vera Cruz*, e onde recentemente Zeferino Costa edificou o Instituto Pernambuco-Porto-Brasil; cidade de onde partiram para o Brasil Brás Cubas, o fundador de Santos, com um nome que repercutiu desde o título num dos melhores romances brasileiros, e numerosas levas de emigrantes minhotos, transmontanos e durienses...; cidade onde combateu o imperador D. Pedro I, cujo coração nela foi guardado, e onde se impôs a imagem do «brasileiro» que era português, e da «casa de brasileiro», ou da «casa esguia» imitada em cidades brasileiras como o Recife, e das «ilhas» imitadas em cidades como o Rio de Janeiro...

A cadeira de Literatura Brasileira, como referi, conheceu ao longo dos anos algumas limitações e alguns entraves. Inicialmente, por exemplo, não era fácil aceder nas boas livrarias do Porto a livros brasileiros, que limitadamente vendiam livrarias recentes como Livros do Brasil (mas só vendia o que editava) e o Centro do Livro Brasileiro (que cuidava mais da venda de livros de áreas não literárias). E na então pequena biblioteca da Faculdade também eram escassos, se não antigos, os livros brasileiros, quase todos de História. Fui eu que, com uma verba especial que solicitei ao diretor, comecei a formar, no velho edifício frontal ao Hospital de Santo António, pouco depois cedido ao ICBAS, uma biblioteca literária instalada na que chamámos «Sala Brasileira», e mais tarde chamaríamos Sala Adolfo Casais Monteiro; ainda se guarda pelo menos um recibo de 13 de fevereiro de 1973 onde são arrolados livros de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Drummond, João Cabral assim como, entre outros, uma História da Literatura Brasileira.

Nos outros dois edifícios para onde se mudou a Faculdade de Letras, a «Sala Brasileira» foi obrigatoriamente dividida, partilhando num edifício o seu espaço com uma biblioteca de estudos africanos (um dia fui encontrar os livros brasileiros empilhados num corredor), e no outro, o atual, com a literatura francesa. No entanto a «Biblioteca Brasileira» foi crescendo com a compra de alguns livros de referência, com alguns livros que pertenciam ao extinto Centro de Estudos Pessoanos, com uma dúzia de livros oferecidos por Óscar Lopes, e com umas quatro dezenas de livros — brasileiros ou de incidência brasileira — que integravam a biblioteca de Maria de Lourdes Belchior, oferecidos pela sua sobrinha, e com um ou outro livro avulsamente oferecido até por Rudá, filho de Oswald de Andrade, e por Alberto da Costa e Silva.

Mas a biblioteca da «Sala Brasileira» foi muito valorizada quando o meu amigo João Paulo Monteiro — que conheci no ano em que eu era calouro e ele finalista da Faculdade de Letras de Lisboa, que convidei para participar no II Congresso Português de Literatura Brasileira, e que, sendo já professor da USP, me proporcionou em sua casa paulistana um inesquecível encontro com seu pai, Adolfo Casais Monteiro. Tomando conhecimento do nosso trabalho e das nossas carências, decidiu em boa hora oferecer à Faculdade de Letras do Porto (cidade onde ele nascera, como seu pai, que por sinal

se formara na antiga Faculdade de Letras), os livros brasileiros que o extraordinário poeta, ensaísta e militante antissalazarista deixara em Portugal quando partiu para o exílio do Brasil, onde aliás prosseguiu sempre com brilho e dignidade as suas atividades docentes, literárias e cívicas. Muitos desses livros, editados nas décadas de 1930 e 1940 tinham, têm, dedicatórias dos seus autores, alguns dos quais tão notáveis como Manuel Bandeira, Jorge Amado, Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto.

Mas a «Biblioteca Brasileira» — que justificou um Catálogo em 1992 — também foi muito enriquecida quando, atendendo ao pedido que lhe fiz, o então Presidente da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ex-ministro, académico e ensaísta Eduardo Portella, nos ofereceu largas dezenas de livros recentes, que nos foram entregues pelo seu representante Elmer Corrêa Barbosa, depois de mostrados numa exposição inaugurada em 10 de abril de 2002.

Este foi um dos poucos apoios que nos chegaram do Brasil, que, no entanto, me surpreendeu quando, por proposta do cônsul-geral do Brasil no Porto, Adolpho Corrêa de Sá e Benevides, o Itamaraty me condecorou em 2002 como Cavaleiro da Ordem do Rio Branco, ou quando a Academia Brasileira de Letras, sem que eu suspeitasse, me elegeu em 2009 como seu sócio correspondente.

Mas independentemente dos apoios, fomos trabalhando o melhor que pudemos pela divulgação e estudo da literatura e da cultura brasileira no Porto, e não só, pois a ensinámos em França e nos Estados Unidos, e sobre ela falámos, eu e outros colegas, em faculdades e colóquios internacionais. No Porto, onde nunca escassearam os alunos da cadeira⁴, alguns dos quais se tornariam bem conhecidos, até como escritores ou como professores universitários, organizámos congressos internacionais muito concorridos por palestrantes e público, como:

- I Congresso Português de Literatura Brasileira (4 e 5 de maio de 1984)⁵;
- II Congresso Português de Literatura Brasileira (8, 9 e 10 de maio de 1997)⁶;
- III Congresso Português de Literatura Brasileira (24 de outubro de 2003);
- IV Congresso Português de Literatura Brasileira (17-18 de novembro de 2005)⁷.

Organizámos ou coorganizámos outros colóquios mais restritos, sobre Carlos Drummond de Andrade (*E, agora, Drummond*, em 31 de outubro de 2002), sobre Adolfo Casais Monteiro (4 de julho de 2008), sobre literatura culta e popular de Portugal e do Brasil (12, 13 e 14 de outubro de 2009), sobre Jorge Amado (16 de novembro de 2012),

⁴ Nas obras citadas nas duas notas anteriores são indicados alguns números de alunos inscritos nas cadeiras de Literatura Brasileira.

⁵ Neste Congresso prestámos uma homenagem especial a Carlos Drummond de Andrade.

⁶ A este Congresso, em que foram apresentadas 77 comunicações, e foram homenageados José de Anchieta, António Vieira e Adolfo Casais Monteiro, enviou o então Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, uma mensagem calorosa.

⁷ Neste Congresso foi prestada uma homenagem especial a Érico Veríssimo.

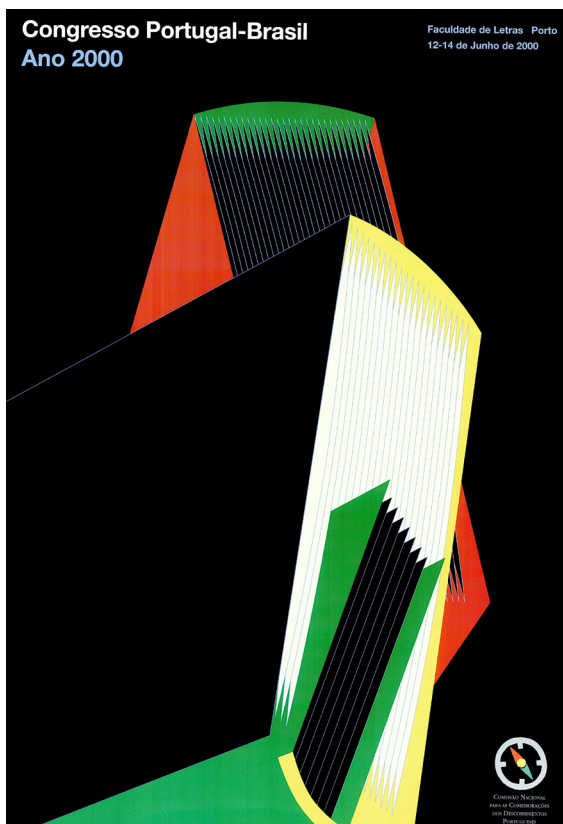


Fig. 3. Cartaz do Congresso Portugal-Brasil Ano 2000
 Fonte: Arquivo de Arnaldo Saraiva

sobre Vinicius de Moraes (18 e 19 de outubro de 2013), sobre o modernismo brasileiro (15 de fevereiro de 2022) e sobre *50 anos de literatura brasileira na FLUP* (14 de novembro de 2022). Mas merece referência muito especial o *Congresso Portugal-Brasil Ano 2000* que, com o patrocínio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, realizámos em 12, 13 e 14 de junho de 2000 para celebrarmos os 500 anos do descobrimento do Brasil. Neste Congresso intervieram 25 escritores brasileiros e 25 escritores portugueses, alguns dos quais tão qualificados como — por exemplo — Ferreira Gullar, Ivan Junqueira, Silviano Santiago, Nélide Piñon, João Gilberto Noll, Antônio Carlos Secchin, Alexei Bueno, ou como Agustina Bessa Luís, Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade, Lídia Jorge, Manuel António Pina, João Luís Barreto Guimarães. Do programa deste Congresso constou uma visita às casas de Eça de Queiroz em Tormes e à casa de Camilo em Seide, mas constou também a inauguração no Porto do Jardim Machado de Assis, por sugestão minha prontamente acolhida pelo então presidente da Câmara Municipal do Porto, Eng.º Nuno Cardoso, e pela vereadora da Cultura, Dr.ª Manuela Melo.

Outra das iniciativas de que podemos orgulhar-nos foi a da publicação da revista inteiramente dedicada à literatura brasileira *Terceira Margem*, de que saíram cinco números, de 1998 a 2004, com colaborações inéditas de autores como João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Manoel de Barros, Ignácio de Loyola Brandão, Luis Fernando Veríssimo, Armando Freitas Filho, Caetano Veloso, João Gilberto Noll, Nelson Ascher.

Mas também publicámos obras como a antologia de inéditos *Literatura Portuguesa e Brasileira* (2000, organizada por mim e por João Almino) e *Literatura Brasileira em Questão* (2000, organizada por mim e por Francisco Topa), *Estudos de Literatura Brasileira em Portugal* (2015, organizados por Francisco Topa, Joelma Santana Siqueira e Solange Fiuza Cardoso Yokozawa), obras às quais poderíamos associar *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil* (2011, organização de Isabel Morujão e Zulmira Santos) e sobretudo as produções individuais dos docentes. Não podendo aqui apresentar uma lista da principal bibliografia de cada um, lembremos apenas, a título de exemplo, que tiveram repercussão no Brasil, e não só, vários trabalhos assinados por Francisco Topa (especialmente sobre Gregório de Matos, sobre Silva Alvarenga e sobre vários autores brasileiros dos séculos XVII e XVIII ou do século XX), por Maria de Fátima Marinho (especialmente sobre Guimarães Rosa e sobre romances históricos brasileiros), e por Joana Matos Frias (especialmente sobre Murilo Mendes e sobre Ana Cristina César). Mas não poderemos esquecer trabalhos de alunos, sobretudo as teses e dissertações que dirigimos — de doutoramento, como *Edição Crítica da Obra Poética de Gregório de Matos*, de Francisco Topa, e *A Poesia da Geração de 45*, do recifense Marcos Alexandre de Moraes Cunha, e de mestrado, como, entre outras, as de Carla Antonieta Mourão Neves sobre *Esau e Jacó* de Machado de Assis, de Luísa Mota sobre *O Canto Repartido — Cecília Meireles e Portugal*, de Maria Augusta Cosme Costeira sobre *A Casa Fechada* de Aluísio Azevedo, de Joana Matos Frias sobre Murilo Mendes, de Lúcia Silveira Lopes sobre *O Protagonista em Cinco Romances de Ignácio de Loyola Brandão*, de Ângela Sarmiento sobre a poesia de Carlos Pena Filho e de Isabel Maria da Cunha Ferreira sobre *A Morte em Quatro Narrativas Brasileiras do Século XX*. Se me for permitido, lembrarei também os meus estudos sobre o modernismo brasileiro, sobre Drummond, sobre João Cabral e sobre literatura de cordel.

A propósito, valerá a pena aludir a exposições que organizámos não só na Faculdade de Letras e no Porto sobre Drummond, sobre João Guimarães Rosa, sobre Érico Veríssimo, sobre Adolfo Casais Monteiro, sobre Jorge Amado, sobre «livros de literatura brasileira», sobre «livros recentes de literatura brasileira», sobre o modernismo brasileiro, sobre «50 anos de literatura brasileira na FLUP» e sobre literatura de cordel. Também a propósito, lembremos que associando quase sempre o cordel português ao brasileiro realizámos exposições em bibliotecas de Portugal (Biblioteca Municipal



Fig. 4. Diploma de membro correspondente da ABL de Arnaldo Saraiva
Fonte: Arquivo de Arnaldo Saraiva

28

JL
LETRAS

Quarta-feira, 21 de Maio de 1997

PRÓXIMO CONGRESSO NO ANO 2000

Literatura brasileira em Portugal

A realização, no ano 2000, de um III Congresso Português de Literatura Brasileira foi anunciado por Arnaldo Saraiva no decorrer do II, que se realizou, como o JL oportunamente noticiou — do mesmo passo revelando os nomes de muitos dos seus mais destacados participantes — de 8 a 10 de Maio corrente, na Faculdade de Letras do Porto. No decorrer dos trabalhos foram apresentadas cerca de 90 comunicações, em geral de assinalável interesse e qualidade, o que é significativo. O problema foi de tempo... De facto, como ele não era suficiente para tantas intervenções, e algumas ultrapassavam o previsto, houve alguns «comunicantes» que fizeram só sínteses das suas intervenções e outros que as leram como se se tratasse de uma prova «contra-relógio». E, mesmo assim, a sessão de encerramento, com Eduardo Lourenço a fechar, prolongou-se (com o respectivo atraso do jantar final) até depois das 2.30.



varos Rodrigues. Mais, aproveitando para fazer algumas considerações oportunas sobre o estado actual dos estudos de Literatura Brasileira

em Portugal: «Desde o ano de 1923, em que se iniciaram oficialmente os estudos de cultura e literatura brasileiras no nosso país, até hoje es-

tes estudos conheceram um evidente progresso. Mas a Literatura Brasileira está ainda longe de ocupar o lugar que lhe compete até na Universidade do Porto, como foi recentemente reconhecido por uma comissão avaliadora das Universidades. Em 1989, eu próprio pude escrever, sem quase nenhum êxito: 'Impõe-se que a cadeira de Literatura Brasileira seja obrigatória não só para os alunos de Estudos Portugueses mas também para os alunos dos cursos em que é optativa; impõe-se que seja optativa para todos os outros cursos das Faculdades de Letras; impõe-se que a Literatura Brasileira II seja dada em dois semestres; impõe-se que ambos os níveis funcionem com o apoio de institutos ou de bibliotecas minimamente apetrechadas e actualizadas; impõe-se que a cadeira de História do Brasil seja optativa para os alunos que têm a cadeira de Literatura Brasileira I ou II.'
E concluiu: «Exquanto fomos ignorantes ou «ditirados estudantes» da cultura e da literatura brasileiras (que só quase nos vem em força por televisões e discos), arriscamo-nos a ser também estudantes ditirados ou ignorantes da literatura e da cultura portuguesas.»

Porque o estudo da literatura brasileira não é só uma questão de linguística, é também, como a literatura dos PALOP, uma questão dos portugueses. E se salta à vista a quem não sofre de nacionalite aguda que não é possível conhecer bem a literatura brasileira sem conhecer bem a literatura portuguesa, também parece cada vez menos provável conhecer bem a literatura portuguesa sem conhecer bem a brasileira — que espelha, amplia e transforma ou potencializa e revitaliza aquela.»

Saraiva fez ainda outras oportunas considerações relacionadas com o tema, e até com a CPLP, terminando por salientar que, apesar de tudo, «a presença do Brasil ou da cultura brasileira em Portugal não foi tão rotineira; e por salientar, igualmente, a relação privilegiada que o Porto e a sua região sempre tiveram com o Brasil, a todos os níveis. Palavras oportunas no que poderá ter constituído «pela quantidade e qualidade dos seus participantes, a mais expressiva manifestação que já houve, fora do Brasil, a favor da literatura brasileira». O Presidente da República, Jorge Sampaio, enviou uma mensagem (ver caixa).

Fig. 5. Notícia do JL sobre um dos congressos de literatura brasileira, contendo a mensagem do Presidente Jorge Sampaio
Fonte: Arquivo de Arnaldo Saraiva

A mensagem do Presidente

(...) Todos queremos contribuir para que a comunidade de língua e afecto dos que falam o português se projete e afirme no Mundo. Nisto tem um papel destacado aquele que conhece, estuda e divulga as diversas culturas e as literaturas plurais que na língua que é comum a duzentos milhões de pessoas se expressam, enriquecendo-a, renovando-a, dando-lhe vitalidade. Esta Comunidade tem de ser um projecto ambicioso e participado que se realiza no dia-a-dia e que iniciativas como este Congresso dão substância.

Portugal tem muito orgulho na sua ligação fraterna ao Brasil, grande e extraordinário país do futuro. Queremos que as nossas relações, fundadas no passado comum, assumam, neste tempo, um tom moderno, prospectivo, que se concretize numa cooperação eficaz em vários domínios — universitário, cultural, científico, económico.

A pátria de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz tem uma literatura riquíssima que estudamos, conhecemos e amamos, como são amados no Brasil os autores portugueses. Os temas tratados neste II Congresso são, por isso, do maior interesse, actualidade e consequência. As sessões especiais dedicadas às figuras de Amónio Vieira, José Anchieta e Adolfo Casais Monteiro foram também uma forma de homenagem, a que me associo calorosamente.

Renovo as minhas saudações amigas e felicito-vos pelo trabalho realizado nestes dias. Estou certo de que os seus frutos serão muitos e visíveis. Como disse o Padre António Vieira, em carta escrita da Baía, «se as plantas crescerem tanto como as lembranças, (...) tudo terá o aumento que lhe é e si se desejaz».

JORGE SAMPAIO

Almeida Garrett, no Porto, Biblioteca Nacional, em Lisboa) e do Brasil (Museu de Arte Popular, no Recife, Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, Casa das Rosas, em São Paulo, e Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte).

Pensando na minha relação com a literatura brasileira, sobre a qual escrevo desde 1961, poderia referir, sem odiosa vanglória, muitos momentos que diria eufóricos; além dos que já foram sugeridos, com relevância para o ingresso na Academia Brasileira de Letras e para a inauguração do Jardim Machado de Assis, referirei mais estes:

- em 1960, a leitura numa antologia francesa do poema «La fleur et la nausée» («A flor e a náusea»), que me levaria decisivamente à descoberta e estudo da poesia de Drummond e, afinal, à minha verdadeira descoberta do Brasil;
- o texto que, pouco tempo depois de chegar pela primeira vez ao Brasil, em 1965, publiquei no *Diário de Notícias* português e no *Diário de Notícias* carioca a desmoralizar teses do então muito renomado professor e ensaísta Afrânio Coutinho;
- o livro que em 1966 sugeri e preparei com Drummond, sobre o «poema da pedra» («No meio do caminho»), editado em 1967;
- a rara entrevista que em 1966 me concedeu Guimarães Rosa (mas também não posso esquecer a entrevista e o meu encontro pessoal com Manuel Bandeira);
- a publicação de um poema da minha autoria na revista vanguardista de São Paulo, *Práxis* (n.º 5, 1966), e, pouco depois, num dos volumes da *Antologia dos Poetas Brasileiros* (!), organizado por Manuel Bandeira e por Walmir Ayala;
- a aquisição de cartas inéditas — algumas que já publiquei — de escritores brasileiros como Cecília Meireles (mais de quatro dezenas), Jorge de Lima, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego (não falo nas que me foram dirigidas, por exemplo por Drummond);
- a descoberta e aquisição, num alfarrabista do Porto, de um poema manuscrito de Machado de Assis que não aparecia na sua obra editada, e que revelei num colóquio carioca de 1989, tendo sido logo publicado no jornal *O Globo* e, em 2009, numa plaquete;
- a publicação na revista *Terceira Margem* de um «poema inédito» de João Cabral de Melo Neto que eu lhe solicitara, e que é até hoje o único poema conhecido que ele não «escreveu», porque, já muito cego, o ditou;
- a publicação também na revista *Terceira Margem* de um texto de Caetano Veloso que eu lhe solicitei, e que é até hoje, supomos, o único que ele escreveu como «poema», não como «canção» (ou letra de canção);
- o inconsciente e insuspeitado estímulo que dei a Drummond para escrever poemas de *Boitempo* e a Heleno Godoy para escrever o livro *A Árvore de Sombra Amarela*;
- a revelação de relações, que muitos supunham inexistentes, entre os modernismos brasileiro e português ou entre o cordel brasileiro e português.

Ao longo de décadas tenho sido interrogado sobre as razões da minha relação privilegiada com a literatura do Brasil, que se sobrepôs a outras relações iniciadas com as literaturas da França e da Espanha. Passando a minha infância e juventude longe de qualquer contacto com brasileiros ou com a cultura brasileira, entrei por volta dos meus 15 anos numa representação teatral, um dueto ou desafio nascido no Rio Grande do Sul, em que tive de imitar o sotaque brasileiro, que aliás me parecia mais gracioso do que o português, e que até então só ouvira em canções da rádio. Mas com o tempo fui notando que nasci numa aldeia que dista apenas cerca de 50 km de Belmonte, a terra onde nasceu o descobridor do Brasil, Pedro Álvares de Cabral. Mais tarde notei que nasci no dia 12 de outubro, dia da festa da padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Aparecida, e dia em que se celebra a descoberta da América por Cristóvão Colombo. E ainda mais tarde vim a verificar que 12 de outubro é também a data em que se celebra o nascimento de D. Pedro I, e a sua aclamação como imperador do Brasil. Coincidências... («que las hay, las hay»...)

O certo é que a minha ligação ao Brasil nasceu sobretudo com a consciência da sua vitalidade cultural mas também da ignorância e dos preconceitos coloniais e outros que havia num país que contribuíra para ela e que pela história comum e por algumas comuns matrizes só teria a ganhar com o seu conhecimento e estudo. Mudou muito o modo como há meia dúzia de décadas mutuamente se olhavam e agora se olham os antigos colonizadores e os antigos colonizados. A música popular, o futebol, o turismo, a televisão, sobretudo com as (tele)novelas, o computador, o telemóvel/celular e muitas edições impressas e sonoras ou verbo-visuais, também para crianças, fizeram com que nas últimas décadas os portugueses se tenham familiarizado desde meninos com a língua, a cultura, os costumes e as paisagens dos brasileiros; e estes, por sinal quando diminuiu a emigração de portugueses para o Brasil, que no entanto passaram a privilegiá-lo como destino turístico (de acordo com a Embratur, em 2023 entraram 182 463 portugueses no Brasil), iniciaram uma emigração em massa para Portugal que então quase só entreviam ou adivinhavam por antepassados e por emigrantes na sua grande maioria rudes ou pouco instruídos (até meados da década de 1970). De um momento para o outro passaram a dar-se conta da impertinência da «piada de português», porque descobriram um génio com a grandeza universal de Fernando Pessoa, tomaram conhecimento da exemplar «revolução dos cravos», estando eles em ditadura, e começaram a conviver com qualificados emigrantes saídos das antigas colónias portuguesas; mais recentemente, até foram surpreendidos com a impensada importação de treinadores de futebol. Visitando ou residindo em Portugal, os brasileiros, sejam os humildes do costume, sejam os das classes média e alta, agora já numerosos, descobriram as origens de algumas das suas tradições, as afinidades sociais ou psicológicas, a segurança que lhes faltava, e a familiaridade não só linguística que, salvo quando lhes apareçam alguns xenófobos, que a extrema-direita portuguesa e europeia agora incita ou excita, lhes dá a impressão de estarem em casa.

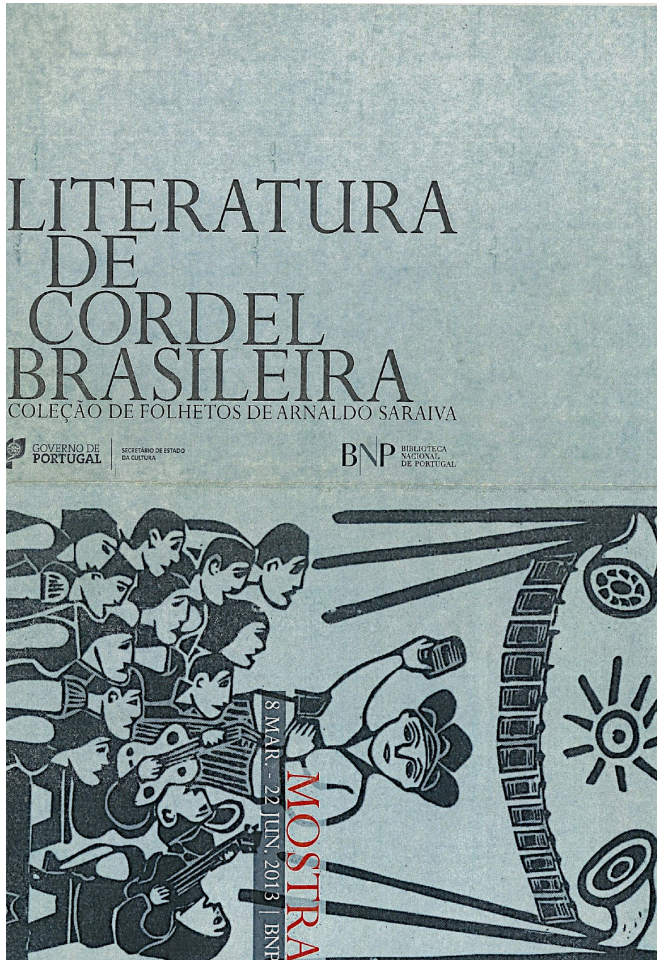


Fig. 6. Catálogo de exposição realizada na Biblioteca Nacional de Portugal
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

De 2013, quando residiam oficialmente em Portugal pouco mais de 92 mil brasileiros, até 2022, a população brasileira em Portugal quase quadruplicou, aproximando-se dos 400 mil. Mas pelo que vemos e ouvimos, sobretudo em cidades como Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, nas ruas, nos lugares comerciais e culturais, e até nos media (na mídia!), temos a sensação de que os brasileiros são muitos mais, até porque as estatísticas não contam os que têm dupla nacionalidade, os que aguardam vistos, os que estão de passagem, os que vão e vêm, os que passam por turistas e arranjam empregos provisórios. Dizem que também poderá haver um ou outro clandestino, ou foragido, da droga ou do crime, até económico; a boa imagem do brasileiro em Portugal não pode ser afetada por esses ou por alguns que não são clandestinos mas disfarçam o negócio com a profissão de fé evangélica.

É óbvio que Portugal não dispõe do enorme espaço ou das condições de trabalho que o Brasil pode oferecer aos emigrantes portugueses, e que a população portuguesa é incomparavelmente inferior à brasileira. Mas tendo isso em conta não será impertinente repetir o que escrevi há anos, permutando os topónimos da famosa frase de Fernão Cardim: que este Portugal é hoje outro Brasil (Saraiva 2019). Ainda bem. Seria estúpido, mais que lamentável, que se perdessem vínculos seculares suscetíveis de fortalecer os dois povos, que afinidades profundas fossem ignoradas ou maltratadas, que não se tirasse o melhor partido, nacional e internacional, do património comum da língua, uma língua de distintos povos ou nações, que é o elo mais sólido para as manter unidas, e que permitirá a melhor definição, ilustração e dignificação das suas identidades e culturas.

A literatura brasileira, que já conta com autores da estatura de Machado de Assis, Drummond, Guimarães Rosa, Clarice, João Cabral, não precisa de um prémio Nobel para garantir a sua riqueza e a sua diversidade, a sua originalidade e a sua pujança, que naturalmente repercutem na língua e na literatura portuguesas. Por nos darmos conta disso é que, como nos batemos pela presença da literatura portuguesa no Brasil, nos batemos e bateremos para que ela seja lida, ensinada e estudada em terras portuguesas.

Vendo bem, a causa da literatura do Brasil é também uma causa de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- SARAIVA, Arnaldo, 2019. Este Portugal é já outro Brasil. *Público*. 2019-07-15.
- SARAIVA, Arnaldo, 1999. Os Estudos de Literatura Brasileira nas Universidades Portuguesas. *Terceira Margem*. 2, 7-17.
- SARAIVA, Arnaldo, 1998. A literatura brasileira em Portugal. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. 1998-01-28.
- SARAIVA, Arnaldo, 1992. *Literatura Brasileira II: História, Programa, Conteúdos, Métodos e Bibliografia*. Relatório apresentado nas provas de agregação do 2.º Grupo (Línguas e Literaturas), Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SARAIVA, Arnaldo, 1989. *Literatura Brasileira I: História, Programa, Conteúdos, Métodos e Bibliografia*. Relatório apresentado nas provas de Professor Associado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SARAIVA, Arnaldo, 1984. A Literatura Brasileira em Portugal. *Expresso*. 1984-02-18.
- SARAIVA, Arnaldo, 1983. Depoimento. *Diário Popular*. 1983-04-14.
- SARAIVA, Arnaldo, 1973. Meio Século de Estudos Brasileiros na Universidade Portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: Série de Filologia*. (1), 159-166.
- TOPA, Francisco, 2003. *Literatura Brasileira I: Enquadramento, Programa, Conteúdos, Bibliografia e Métodos*. Relatório apresentado nas provas de Professor Associado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O ROMANCE POLICIAL DE RUBEM FONSECA

MARIA DE FÁTIMA MARINHO*

Resumo: *É sobretudo a partir do século XIX que o interesse pela leitura de textos envolvendo enigmas policiais começa a despontar e rapidamente se delinea um paradigma que, com ligeiras variantes, se manterá quase até à atualidade. Os romances publicados nas últimas décadas, porém, tendem a redefinir o código e o descentramento destas personagens, que não têm já o mesmo nível de excentricidade gratuita (como Poirot ou Sherlock Holmes), mas sim um posicionamento derivado da banalização dos polícias/detetives, que se situam ao nível do cidadão comum, problemático, de pequenos hábitos desviantes em relação a uma norma moralizante e rígida. Os romances do brasileiro Rubem Fonseca situam-se nesta linha e polícias, advogados e criminosos contracenam, envoltos em ambientes de corrupção de toda a ordem e de relações bem afastadas das que se poderiam considerar pertencer a um espaço moral privilegiado. Neste pequeno ensaio, abordaremos preferencialmente os romances de Rubem Fonseca de temática policial.*

Palavras-chave: *Romance policial; Detetive; Advogado; Polícia; Rubem Fonseca.*

Abstract: *It was from the 19th century onwards that the interest in reading texts involving detective puzzles began to emerge and a paradigm was quickly established which, with slight variations, has remained almost the same until today. The novels published in recent decades, however, have tended to redefine the code and de-centre these characters, who no longer have the same level of gratuitous eccentricity (as Poirot or Sherlock Holmes), but rather a positioning derived from the trivialisation of police/detectives, who are placed at the level of the ordinary, problematic citizen, with small habits that deviate from a rigid, moralising norm. Rubem Fonseca's novels are in this vein, with policemen, lawyers and criminals playing off against each other, surrounded by corruption of all kinds and relationships far removed from those that could be considered to belong to a privileged moral space. In this short essay, we will focus on Rubem Fonseca's crime-themed novels.*

Keywords: *Crime novel; Detective; Lawyer; Policeman; Rubem Fonseca.*

É sobretudo a partir do século XIX que o interesse pela leitura de textos envolvendo enigmas policiais começa a despontar e rapidamente se delinea um paradigma que, com ligeiras variantes, se manterá quase até à atualidade, mesmo se algumas destas variantes autonomizam certas características que potenciam o aparecimento de personagens que escapam ao esquema estabelecido.

É curioso verificar que, e apesar das inevitáveis modificações, a figura do polícia/detetive mantém traços comuns, que não são difíceis de enumerar. Como alerta Marion François (2021), o polícia/detetive é frequentemente um excêntrico, alguém que acentua elementos que o distinguem do comum. Esses elementos variam consoante o tempo e as

* U. Porto / CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: fmarinho@letras.up.pt. ORCID: 00 00000206800573.

circunstâncias, mas imprimem-lhe sempre a marca exótica ou inesperada. Se Holmes, o célebre detetive de Sir Arthur Conan Doyle, é viciado em ópio e apresenta todas as características de descentramento em relação ao homem vitoriano do seu tempo e classe social, Poirot, a famosa personagem de Agatha Christie, polícia belga reformado, tem um aspeto que raia a caricatura, tal como a aparência de Miss Marple, paradigma da idosa britânica do campo, contrasta com a sua argúcia e conhecimento do mundo. A lista poderia ser completada por muitas outras figuras como o comissário Maigret, de Georges Simenon, o advogado Perry Mason, de Erle Stanley Gardner, e muitos outros, cuja enumeração se tornaria tão fastidiosa quanto inútil. Retenhamos alguns aspetos que poderão ajudar a análise que pretendemos efetuar: todos são difíceis de levar a sério num primeiro momento, quer pelos criminosos, quer pelas polícias locais, quer pelas famílias das vítimas, porque o aspeto, as atitudes ou os hábitos os ridicularizam; são impolutos e possuem uma inteligência ou um poder de dedução superiores. Sabemos, desde o início, que eles descobrirão o criminoso, sabemos também que as soluções óbvias ou convenientes raramente são as corretas e que só nas últimas páginas dos romances a explicação será cristalina e incontestável. Não temos também dúvidas sobre as clientes do advogado Perry Mason, sempre inocentes e, fruto da época e do ambiente, também sempre mulheres. Há ainda a certeza de que o julgamento e a respetiva pena são tão desinteressantes quanto completamente ignorados por estes heróis cuja funcionalidade termina com o desvendar do mistério (François 2021, p. 270).

Os romances publicados nas últimas décadas, porém, tendem a redefinir o código e o descentramento destas personagens, que não têm já o mesmo nível de excentricidade gratuita, mas sim um posicionamento derivado da banalização dos polícias/detetives, que se situam ao nível do cidadão comum, problemático, de pequenos hábitos desviantes em relação a uma norma moralizante e rígida. São muito diferentes as atuações dos polícias/detetives/advogados ou de outras personagens intervenientes na investigação em romances da islandesa Yrsa Sigurdardóttir, do sueco Stieg Larsson ou do norueguês Jo Nesbø. Nestes romances nórdicos, os protagonistas são gente comum, sem excentricidades, sem estatutos especiais, lidam com os problemas da cidade moderna, com os traumas da sociedade da era pós-industrial, com perversidades e promiscuidades próprias da nova conjuntura social e do novo jogo de forças entre os diversos atores familiares, profissionais e/ou marginais.

Yrsa Sigurdardóttir constrói a advogada Thora Gudmundsdóttir como uma mulher divorciada, mãe de três filhos, e a partir de determinado momento, de novo casada (vamos seguindo o seu percurso pessoal e familiar ao longo de uma série de romances), cujas características nada têm de excêntrico ou de maniaco; o mesmo se passa com o polícia Huldar, da esquadra de Reiquiavique, um pouco deslocado em relação aos seus colegas, despromovido depois de um incidente e com a psicóloga Freyja, empregada num centro de acolhimento para a infância desprotegida, promovida no último

romance, *The Fallout*, a colaboradora da polícia. Stieg Larsson, na trilogia *Millennium*, constrói uma personagem feminina associada, dotada de amplos conhecimentos de informática, e Jo Nesbø dá vida ao comissário Harry Hole, algo desajustado, com moderados problemas de álcool e métodos heterodoxos.

A construção destas personagens, estruturalmente mais banais ou mais facilmente confundidas com atores da vida quotidiana, implica uma menor distinção entre elas e os criminosos, criando um ambiente de envolvimento recíproco que determina um tipo de leitura peculiar e deduções que se afastam das tradicionalmente utilizadas.

Numa linha semelhante à enunciada, situam-se os romances do brasileiro Rubem Fonseca onde contracenam polícias, advogados e criminosos, envoltos em ambientes de corrupção de toda a ordem e de relações bem afastadas das que se poderiam considerar pertencer a um espaço moral privilegiado, para usarmos a terminologia canónica que classifica a caracterização do herói. Abordaremos preferencialmente os romances de temática policial (*A Grande Arte*, *Bufo & Spallanzani*, *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*, *Agosto*, *Mandrake: a Bíblia e a Bengala* e *O Seminarista*), bem como o conto homónimo da coletânea *A Coleira do Cão*. De entre estes textos, destacaremos *O Seminarista*, publicado em 2009, pela sua especificidade que, a seu tempo, desenvolveremos.

A narração em primeira pessoa é, predominante, o que configura um tipo de focalização interna responsável por enigmas, assuntos mal resolvidos e parcialidade de opiniões e conflitos. Estes narradores, frequentemente coincidentes com os detetives, polícias ou advogados, revelam uma fragilidade e vulnerabilidade impensáveis nos protagonistas dos tradicionais romances policiais. Frases como «A ideia de que houvesse outra pessoa naquele porão, me vigiando em silêncio, encheu-me de pânico» (Fonseca 1990 [1988], p. 202), proferida pelo narrador de *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*, um cineasta, seria inadequada ou inesperada na boca de um detetive ou polícia correspondente ao paradigma tacitamente aceite. Esta ausência de uma certa inacessibilidade ou de uma total imunidade como as verificadas nas personagens Poirot ou Miss Marple, jamais em real perigo de vida ou de atentado contra a integridade física, levanta infrações ao código e impossibilita aqueles atores de serem considerados como detentores de verdades incontestadas. Revelando envoltos próximos dos criminosos e condutas que nem sempre se afastam completamente das destes últimos, os narradores desvendam as incapacidades e tragédias de um ambiente violento, corrupto, amoral.

Centrando-nos ainda nos narradores, deverá ter-se em conta a particularidade do romance *Bufo & Spallanzani*, narrado em segunda pessoa, no intuito de imprimir veracidade ao narrado. A partir do segundo capítulo, a narração em terceira pessoa afasta o narrador do enredo e destina-se a apresentar uma história que o narrador parece relatar como mero espectador, mas que acaba por se descobrir ser ele o assassino convicto do crime enunciado desde o início, embora um assassino especial porque a pedido da própria vítima:

Mas se ela não tinha coragem de se matar engolindo alguns comprimidos também não teria apertado o gatilho de um revólver. Quem vai apertar o gatilho do revólver é você, disse Delfina. [...]. Colocou na minha mão o revólver niquelado — não sei onde ela o arranhou — que eu larguei no chão, com repulsa e medo. Mas, na verdade, eu já estava então convencido de que matá-la seria um gesto de bondade da minha parte, até mesmo de arrependimento e generosidade. [...]. Eu pretendia fazê-la empunhar a arma e apertar o seu dedo sobre a tecla do gatilho, qualquer escritor de livros policiais sabe que ficam marcas de pólvora na mão dos suicidas com arma de fogo. Mas quando ela me disse, tão generosamente, querendo apaziguar minha alma, que me amava, eu só pensei em acabar depressa com o sofrimento dela. Atirei no seu infeliz coração no exato momento em que ela sorriu para mim (Fonseca 1985, pp. 335-337).

Esta espécie de confissão de culpa, bem diferente da culpa descoberta por Poirot em *The Murder of Roger Ackroyd* (1926), onde o narrador também é o assassino, mas onde não há lugar a qualquer confissão, mas à perfeita dedução do detetive belga, afasta *Bufo* e *Spallanzani* do código moral canônico e coloca-o num espaço transgressivo e de rutura. O próprio narrador afirma que «Todo o romance sofre de uma maldição, uma principal, entre outras: a de terminar sempre frouxamente» (Fonseca 1985, p. 257) e que «A verdade é que nenhum livro jamais deixou de ser lido por lhe faltar uma abertura intrigante» (Fonseca 1985, p. 260). Estas duas constatações revelam um perfeito conhecimento da técnica narrativa e indiciam indiretamente uma chave de leitura de muitos dos textos de Rubem Fonseca. São narrativas desconcertantes, avassaladoras, próximas de uma realidade violenta e urbana. Os protagonistas desta selva promíscua e corrupta, os investigadores, circulam entre os romances e tornam-se uma espécie de símbolos identificadores da luta inglória e cruel. Chamam-se Mandrake (advogado), Raul, Guedes, Mattos (policías), contrapontos honestos de uma sociedade à beira do abismo. Mattos, o polícia presente no romance *Agosto*, é talvez o caso limite desta série de lutadores anti-corrupção. Mattos, doente de estômago, é o único polícia que não se deixa aliciar por práticas fraudulentas, é marginalizado por não participar do paradigma e acaba por ser morto por um dos criminosos: «Mattos olhou para Salete. Foi a última coisa que viu. Caiu no chão, morto pelo disparo de Chicão» (Fonseca 1991 [1990], p. 275).

A violência e os assassinos em série existem em todos estes romances e parece haver uma grande facilidade em matar (que culmina, como veremos, em *O Seminarista*), por razões variadas, que contemplam todas as hipóteses ou justificações, presentes nos textos do género.

Analisando, mesmo se superficialmente, os outros protagonistas, destacamos Mandrake, advogado, que se situa no campo oposto de um Perry Mason (personagem de Erle Stanley Gardner), defensor de vítimas femininas, sempre inocentes e injustamente

suspeitas. Mandrake mexe-se num universo povoado de anti-heróis, personagens que escapam à decência burguesa e que chegam mesmo a tentar incriminá-lo e a atentar contra a vida dele, tal como acontece com Mattos, em *Agosto*, que acaba mesmo por morrer:

Fui [eu, Mandrake] andando de costas e ele me seguindo, sempre apontando o revólver para mim. Passei pela sala, em direção à porta da rua, onde Raul [o polícia honesto] estava tocando à campainha. Então Altolaguirre deu o primeiro tiro. Senti o impacto da bala perfurando o meu joelho e curvei-me de dor, soltando o livro que tinha nas mãos. Quase não ouvi o segundo tiro (Fonseca 2005, p. 115).

A narração em primeira pessoa parece instaurar um clima de autenticidade e de adequação ao momento do discurso, difícil de ignorar. A narração instantânea permite criar a simultaneidade do conhecimento, aumentando o *suspense* e evitando comentários decorrentes de uma focalização omnisciente e intrusiva. É também porque o ponto de vista é parcial que é possível facilmente incriminar os investigadores, que não são igualmente detentores da verdade e terão de se dedicar a deduções mais ou menos argutas para desvendar o crime. É até curioso verificar que o aparecimento de tentativas de incriminar os narradores polícias/advogados (únicos incorruptos, aliás), bem como a referência a *fait-divers*, concorrem para criar um discurso que pode ser lido com ceticismo e desconfiança. O leitor é confrontado com pequenos incidentes, aparentemente desprovidos de funcionalidade narrativa, mas que ajudam a integrá-lo em quadros do *bas-fond* urbano (como a referência aos bicheiros e sua cumplicidade com a polícia, em *Agosto*) ou em intrigas políticas aliciantes, como é o caso, no mesmo romance, do assassinio do jornalista Carlos Lacerda e do suicídio de Getúlio Vargas. Narrada em terceira pessoa, com uma focalização omnisciente, a morte de Getúlio é relatada lentamente, penetrando o leitor nos seus pensamentos mais íntimos:

Faria o que tinha de ser feito. Desafronta e redenção. Uma sensação eufórica de orgulho e dignidade tomou conta dele. Sim, sua filha agora o perdoaria.

Apanhou o revólver da gaveta da cómoda e deitou-se na cama. Encostou o cano do revólver no lado esquerdo do peito e apertou o gatilho (Fonseca 1991 [1990], p. 260).

Não será por acaso que este romance, narrado em terceira pessoa com um narrador de focalização omnisciente, consegue definir o ambiente multifacetado do Rio de Janeiro de 1954. Ao usar esta técnica narrativa, o autor empírico legitima a penetração em diversos ambientes, consegue fazer o narratário/leitor ver em direto os pensamentos e atos de Getúlio, dos seus políticos, da investigação policial, da corrupção generalizada, dos bicheiros, de Mattos, de suas namoradas, das intrigas amorosas e políticas.

Se quiséssemos fazer uma smula da técnica narrativa de Rubem Fonseca, bom conhecedor do ambiente das esquadras de polícia brasileiras, poderíamos afirmar que, salvo algumas exceções, ele usa a focalização interna, que os protagonistas, polícias e advogados, são ilhas honestas num mundo amoral, corrupto e violento, são vulneráveis e não estão inseridos numa bolha protetora e artificial.

Bastante diferente é o romance *O Seminarista*, publicado em 2009, onde não há polícias ou advogados, onde o narrador é um assassino assalariado, que assume uma narração em primeira pessoa, relatando, com uma aparente objetividade, crimes gratuitos, perante os quais nada sente, absten-do-se de juízos valorativos. Sem qualquer máscara ou ambiguidade, o Especialista, como se autodenomina («Sou conhecido como o Especialista, contratado para serviços específicos. O Despachante diz quem é o freguês, me d as coordenadas e eu faço o serviço.» [Fonseca 2009, p. 7]), afirma fazer serviços para um Despachante que lhe paga, apelidando de «fregueses» as vítimas que irá liquidar. Tudo é narrado com a maior das naturalidades, sem sombra de remorso ou mistério. Numa linguagem a tender para o oralizante, ele anuncia «eu vou contar como foram alguns dos meus serviços» (Fonseca 2009, p. 7), a fim de deixar bem clara a sua profsso. Esta banalização do crime parece derivar dos cenários de violência e morte que assinalámos nos textos anteriormente analisados. Sem agentes da autoridade encarregados de minimizar ou, pelo menos, de codificar o tipo de conduta aceitável, o discurso deste narrador não assenta em nenhum contrato secularmente estabelecido, antes se posiciona num estatuto semelhante ao de um deus, com poder de vida e de morte. Atentemos na seguinte passagem, que se repetir, com variantes, ao longo das páginas em que contará alguns dos seus serviços:

Sempre odiei, desde criança, esses papais-nois fazendo Ô! Ô! Ô! Sei que o ódio é um surto de insanidade, como disse Horácio, Ira furor brevis est, mas ninguém está livre dele. Vesti uma roupa alinhada, peguei uma caixa vazia e fiz um enorme embrulho de presente. Coloquei sob a camisa a minha Beretta com silenciador e toquei a campainha da casa do freguês.

Para sorte minha quem abriu a porta foi o Papai Noel, “Entra, entra”, ele disse, “feliz Natal!”

“Faz Ô! Ô! Ô! pra mim”, pedi, enquanto constatava a berruga [sic] ao lado do nariz.

“Ô! Ô! Ô!”, ele fez. Dei um tiro na sua cabeça. Sempre dou um tiro na cabeça. Com esses coletes novos  prova de bala, aquela técnica de atirar no terceiro botão da camisa para furar o coração pode não funcionar (Fonseca 2009, p. 8).

Tudo é relatado sem emoção, num registo de banalidade assustador. Depois de centenas de páginas que têm como pano de fundo a marginalidade carioca, a vida

desinteressante e complicada de uma pequena burguesia ou de um proletariado urbano sem grandes perspectivas, mas, e apesar de uma aceitação inequívoca da corrupção e dos expedientes obscuros, detentores ainda de alguma moralidade, mesmo se indireta e de contornos oblíquos, este romance desconcerta, agride, mostra o outro lado, o ponto de vista da violência absoluta.

E, no meio de um registo oral, direto, sem censuras, aparecem frases em latim e esse processo repetir-se-á ao longo do livro, numa constante tão estranha quanto misteriosa. É certo que se trata de um antigo seminarista, é certo que o emprego do latim poderá ser a caricatura escandalosa do presuntivo padre que se dedica a práticas pouco convencionais, mas também é certo que nada no discurso do Especialista (chamemos-lhe provisoriamente assim) nos prepara para as frases em latim tão insistentemente reiteradas.

Qual será, então, o significado deste latim, aparentemente tão deslocado? De uma leitura simplista (o antigo seminarista tem ainda reminiscências do que aprendeu e usa-o de forma carnavalesca) poderemos passar para uma leitura mais consentânea com o significado do romance. O uso do latim terá como funcionalidade a instauração da máscara, da duplicidade linguística que acarretará a complexidade da personagem que se esconde sob uma capa de superficialidade máxima, mas que aparenta ter uma outra vida em latência. Saber latim é antes de mais aproveitar a inexpressividade, a opacidade de uma frase que nada diz, tudo significando.

Ao tentar mudar de vida, aposentando-se, tal como se de um emprego normal se tratasse, o Especialista constrói uma outra identidade, que apague o passado, sem, contudo, o aniquilar definitivamente. A opção pela nova nomeação obedece a um conjunto de códigos confusamente explicados pelo narrador, mas que se tornam descritivos da sua nova forma de vida:

É fácil comprar uma identidade falsa, certidão de nascimento, carteira com retrato, tudo. Mas o meu primeiro nome não abandono, não vou deixar de ser José [...]. O novo nome que vou adotar será José Joaquim, vou colocar um Joaquim depois do José e os homens lá em cima, é claro, vão gostar, vão gostar também de eu ter adotado o nome Kibir, Alcácer-Quibir é parte da nossa história (Fonseca 2009, pp. 35 e 37).

A adoção de um novo nome transforma o Especialista numa pessoa aparentemente normal, embora as razões para incorporar a célebre batalha/derrota com uma grafia homófona possam ser objeto de descodificação. Se José era o seu verdadeiro nome e Joaquim o de um antepassado, Kibir ao ser relacionado com a batalha onde desapareceu D. Sebastião e um grande número de militares do exército português, não pode ser ignorado. Símbolo de morte e enigma, mas também de esperança e messianismo, a batalha de 1578 é uma constante no imaginário português e poderá sê-lo no imaginário

brasileiro quando, irônica e caricaturalmente, queira envolver antepassados, mais míticos do que reais. E o Especialista transforma-se, encontra uma namorada alemã, Kirsten, formada em tradução e que, como não podia deixar de ser, vem a descobrir-se ser filha do Despachante, seu antigo empregador.

Mais uma vez, a máscara, a duplicidade contra a aparente simplicidade da mudança: encarregada de o vigiar, Kirsten acaba por se apaixonar e o sentimento é mútuo. A situação agrava-se, regressam as mortes sucessivas e violentas, incluindo a do Despachante, pai de Kirsten, e a da própria Kirsten. O fim é circular, narrado como um desenlace natural depois do caos criado pelas mortes abruptas de duas personagens importantes para o enredo. Voltamos à banalização do crime, à sua prática despreocupada:

Toda semana eu ia ao cemitério onde Kirsten estava enterrada e colocava flores na sua sepultura.

Muitos meses se passaram desde que ela morreu. O delegado não me indiciou por nenhuma das mortes, livre-me da polícia, mas o tira Vasquez ficou meu amigo e às vezes almoçamos juntos num pé-sujo. É o único amigo que tenho. Mulher não tenho nenhuma. [...]

“Seminarista, tenho um serviço para você”.

Liguei o gravador do aparelho telefônico. “Vai falando”.

Enquanto me passavam as informações necessárias, peguei minha Glock que estava na mesinha e fiquei admirando sua terrível simetria (Fonseca 2009, pp. 177-178).

O retomar da antiga atividade, já não sob as ordens do Despachante, morto, assume alguns cambiantes dignos de nota. De Especialista, o narrador passa a Seminarista, acentuando o caráter lúdico da atividade, em nada condizente com a designação; a simetria da arma poderá corresponder à simetria do relato, à incapacidade de real transformação.

É um texto de máscaras repetidamente estilhaçadas, sùmula das obras anteriores, apresentação despida e descomprometida do crime, considerado um trabalho para quem o realiza sem qualquer emoção.

Ao contrário do romance de Dostoiévski, *Crime e Castigo*, estes são todos crimes sem castigo, espantosamente impunes e sem qualquer investigação a eles associada. É como se o assassinio fosse o objetivo pretendido, princípio e fim em si mesmo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- FONSECA, Rubem, 2009. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: Agir.
- FONSECA, Rubem, 2005. *Mandrake: a Bíblia e a Bengala*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FONSECA, Rubem, 1991 [1990]. *Agosto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FONSECA, Rubem, 1990 [1988]. *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FONSECA, Rubem, 1988 [1983]. *A Grande Arte*. Lisboa: Edições 70.
- FONSECA, Rubem, 1985. *Bufo & Spallanzani*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- FONSECA, Rubem, 1965. *A Coleira do Cão*. Rio de Janeiro: Edições GRD.
- FRANÇOIS, Marion, 2021. Le Détective, un Excentrique très Exposé. Em: LAHMÉDI, Moez, e Kamel FEKI, dir. *Les Nouveaux Avatars du Roman Policier*. Paris: Classiques Garnier, pp. 267-282.
- PETROV, Petar, 2000. *O Realismo na Ficção de José Cardoso Pires e de Rubem Fonseca*. Lisboa: Difel.
- PRIESTMAN, Martin, org., 2003. *The Cambridge Companion to Crime Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCAGGS, John, 2005. *Crime Fiction*. Londres; Nova Iorque: Routledge Taylor & Francis Group.

DESLOCAÇÕES TRANSATLÂNTICAS COM JOÃO UBALDO RIBEIRO

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO*

Resumo: Um brasileiro em Berlim, *antologia de crónicas resultantes de uma deslocação transatlântica que passa por uma estadia em Berlim de João Ubaldo Ribeiro*, oferece ao leitor a possibilidade de contacto com toda uma doxa a permitir abordar deslocações no discurso social, colocando face a face um Primeiro Mundo (europeu) e um Novo Mundo (brasileiro). Trata-se então neste breve estudo de identificar questões identitárias e de alteridade trabalhadas pela ironia corrosiva do escritor, permitindo desnudar a condição de constructo cultural das representações em circulação, desconstruindo, deste modo, um pseudossaber essencialista e simplista sobre o outro.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro; Um brasileiro em Berlim; Deslocações.

Abstract: Um brasileiro em Berlim, *an anthology of chronicles resulting from a transatlantic displacement that includes a stay in Berlin by João Ubaldo Ribeiro*, offers the reader the possibility of contact with a whole doxa that allows approaching displacements in social discourse. These displacements put face to face a First World (European) and a New World (Brazilian). The aim of this brief study is to identify issues of identity and otherness that are addressed by the writer's corrosive irony, making it possible to lay bare the cultural construct of the representations in circulation, thus deconstructing an essentialist and simplistic pseudo-knowledge about the other.

Keywords: João Ubaldo Ribeiro; Um brasileiro em Berlim; Displacements.

Na génese da minha atenção a João Ubaldo Ribeiro, está uma breve, mas estimulante passagem pela literatura brasileira em contexto de docência, no Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, no ano letivo de 2009/2010 que me permitiu, enquanto docente, uma deslocação transatlântica pela leitura. À época, ainda sem a solicitação para a identificação de resultados de aprendizagem e competências, o programa apresentava como objetivo, de forma sumária, o trabalho com diferentes atualizações da ficção narrativa brasileira dos séculos XIX e XX. Da ficção brasileira do século XIX, José de Alencar e Machado de Assis foram os eleitos e, no século XX, optou-se por Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, João Ubaldo Ribeiro e Cíntia Moscovich. Oito textos de leitura integral foram escolhidos: *O Guarani*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Macunaíma*, *O Quinze*, *Viva o povo brasileiro* e *Duas iguais*. Para além de uma abordagem de dimensões contextuais e poéticas, em filigrana, questões de busca, construção ou problematização da identidade podiam ser aproximadas nas figurações literárias escolhidas.

Por esta ocasião celebratória de 50 anos de Literatura Brasileira na FLUP, a minha temeridade em abordar alguém que foi Prémio Camões em 2008¹ decorre não apenas

* U. Porto/ILCML. Email: outeirinho@letras.up.pt.

¹ Do júri fizeram parte Corsino Fortes, João Melo, Marco Lucchesi, Maria de Fátima Marinho, Maria Lúcia Lepecki e Ruy Espinheira Filho.

dessa incursão em *Viva o povo brasileiro*, mas também do facto de, à época, me ter atarado na crónica «Memória de livros»², que integra *Um brasileiro em Berlim*, obra objeto de atenção para o presente estudo. Nessa crónica, muito para além da lembrança de obras e autores que fizeram «parte íntima de [sua] vida» (Ribeiro 2011), partilha-se o percurso, processo de formação e construção do grande leitor que foi João Ubaldo Ribeiro. Não resisto a salientar duas passagens de «Memória de livros»:

Não sei muito bem como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação que entendia nelas o que inventara (Ribeiro 2011).

Mas o cronista não nos fala apenas de leitura de imagens, conta-nos também o momento em que aprendeu a juntar as letras:

de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis (Ribeiro 2011).

Anos passados, será João Ubaldo Ribeiro escritor a assumir o testemunho de construir mundos, de dar a ver mundo/mundos e a permitir a muitos outros deslocarem-se pela leitura dos seus textos, com romances vários e com crónicas. Ora, é precisamente o que sucede com *Um brasileiro em Berlim*, obra que resulta de uma deslocação transatlântica³ de Ubaldo Ribeiro e sua família nuclear, em 1990, e que passará por uma estadia na cidade de Berlim até 1991, numa época ainda próxima da queda do muro ou, como observa Ray-Güde Mertin, no posfácio ao livro, «Quando em abril de 1990, a família Ribeiro chegou à Alemanha, os alemães estavam absorvidos sobretudo com sua própria história, tendo acabado de comemorar a queda do muro de Berlim» (Mertin 2011).

² Ray-Güde Mertin, no posfácio a *Um brasileiro em Berlim*, lembra que esta crónica resulta de um pedido seu para falar dos livros que tiveram de ficar no Brasil quando veio para Berlim e que foi publicada no suplemento do Natal, de 1990, do *Frankfurter Rundschau*.

³ Não foi esta, porém, a sua única deslocação transatlântica. Cerca de uma década antes, João Ubaldo Ribeiro, em 1981, enquanto bolseiro da Fundação Gulbenkian, viveu 10 meses em Portugal.

Convidado pelo serviço alemão de intercâmbio acadêmico — *Deutscher Akademische Austauschdienst* — para uma temporada em Berlim, Ubaldo Ribeiro publicará durante o seu tempo de permanência em espaço alemão, no suplemento cultural do jornal *Frankfurter Rundschau*⁴, crônicas mensais depois reunidas, em 1995, em *Um brasileiro em Berlim*. Estranhamente ou talvez não, os textos de Ubaldo Ribeiro não se deterão muito na história das duas Alemanhas ou na sua reunificação. Em dezassete crônicas, duas apenas o fazem: «A velha cidade guerreira» e «O tartamudo do Kurfürstendamm».

Na primeira, de todas as crônicas desta antologia, aquela que apresenta uma reflexão toda marcada por um registo de seriedade, contrariando a constante verve assente num humor irónico do autor e já tão esperado pelo leitor, reflete-se sobre a Berlim de ontem e a Berlim de hoje, numa emergência de perguntas em catadupa, «num acesso de filosofia barata» nas palavras do cronista, dando conta da fragilidade de uma reunificação:

Fico olhando este pedaço de rio, agora tão diferente do que vi da outra vez em que estive aqui. [...].

Agora, neste sítio, os restos despedaçados de tanta História subsistem, entre camelôs e japoneses sorridentes, a atmosfera espessa, quase sólida, que aqui encontrei da outra vez. O que existiu realmente existiu? Algo importa além do presente? Há realmente uma História, somos de fato herdeiros de alguma coisa, ou somos eternos construtores daquilo que a memória finge preservar, mas apenas refaz, conforme suas variadas conveniências, a cada instante que vivemos (Ribeiro 2011, em «A velha cidade guerreira»)?

Na Berlim (ocidental) de um tempo pós-queda do muro, os alemães do Leste são vistos como visitantes e sentidos como invasores, «O outro não é mais o irmão, seja por nacionalidade, seja por comum humanidade. O outro é um intruso, cuja fala, modos e fraquezas são inaceitáveis» (Ribeiro 2011, em «A velha cidade guerreira»). E ele, o cronista que regista um tempo presente a servir afinal uma memória futura, testemunha uma reação que roça uma nova espécie de xenofobia:

Vou para o ponto de ônibus, passo por um grupo de aspecto tímido, homens, mulheres e crianças carregando sacolas e falando baixo. ‘Polen’, resmungo uma mulher junto a mim, com um olhar muito raro aqui, e acrescenta qualquer coisa que não entendo, mas de que tenho a certeza de que não gosto (Ribeiro 2011, em «O tartamudo do Kurfürstendamm»).

⁴ João Ubaldo Ribeiro foi colaborador de diferentes periódicos ao longo da sua vida; recorde-se apenas alguns deles: no Brasil, no *Jornal da Bahia*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *A Tarde*; na Alemanha, para além do *Frankfurter Rundschau*, em *Die Zeit*; em Portugal, em *O Jornal* e no *Jornal de Letras*; na Inglaterra, no *The Times Literary Supplement*.

Na segunda crónica, «O tartamudo do Kurfürstendamm», igualmente aflora uma referência aos alemães ocidentais na nova Berlim e à sua eventual animosidade face à memória de uma história recente, quando desabafa com um amigo, queixando-se da impaciência, irritação, ou mesmo ira, que alguns manifestam quando não conseguem falar a língua e quando diz que Berlim não era mais a mesma, «parecia que agora tinha raiva de estrangeiros». À explicação do amigo que diz que tal sucede porque ele se «pode parecer com polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa», a reação do escritor não se faz tardar: «Amanhã mesmo, compro um Trabant e vou à luta» (Ribeiro 2011, em «O Tartamudo do Kurfürstendamm»).

Um brasileiro em Berlim põe-nos em contacto com uma figura que logo na primeira crónica confessa que «[f]ica imaginando se não teria sido alemão numa vida progressa», refere a sua «elusiva identidade alemã» (Ribeiro 2011, em «Chegada») e se apropria da afirmação de Kennedy, *Ich bin ein Berliner*; uma figura que, na crónica em que se assume como tartamudo, escreve «nós, berlinenses» ou que, em «Despedida», relembra, melancolicamente numa antecipação da saudade que experimentará, memórias construídas que passam pelas pessoas como a velhinha Frau Hock, pela casa, «a nossa casa», pelos objetos que a habitaram como Dona Frieda, «nossa saudosa máquina de lavar» que «teve de ser levada [...] já inconsciente», tendo de ser substituída pela Olga (outra máquina de lavar «nova e boa» à qual a família nunca se afeioou). No regresso ao Brasil, diz de si e da sua família: «Nós voltamos altamente berlinenses» (Ribeiro 2011).

Porém, como lembra Ray-Güde Mertin,

Viajar a outro país, isto significa surpresas e irritações, proximidade e inacessibilidade, e a velha experiência que somente o estrangeiro no estrangeiro é nitidamente sentida: qual é a própria nacionalidade. Não é apenas o fascínio diante do outro, mas também a surpresa de experimentar as próprias reações e sensações num contexto diferente (Mertin 2011).

Com efeito, o contacto com o outro e a imagem que o outro tem do eu e que lhe é devolvida foram objeto de experiências várias de deslocação no percurso biográfico de João Ubaldo Ribeiro. Em *Autobiografia* [intitulada] *João Ubaldo Ribeiro — Pré-defunto, chato e reaccionário*, publicada no *Jornal de Letras*, em 2005, afirma o autor: «Vivi em Sergipe, na Bahia, em Iowa City, em Los Angeles, em Lisboa e em Berlim. Tenho horror a ser estrangeiro, mesmo em Portugal, país do meu coração, onde tenho dois ou três amigos que considero parentes [...]» (Ribeiro 2014 [2005])⁵. Em *Um brasileiro em Berlim*,

⁵ Em 1987, foi-lhe atribuída a Ordem de Mérito de Portugal e em 1994 recebe na Alemanha o prémio Anna Seghers, concedido a escritores germanófonos e latino-americanos.

essa consciência profunda da condição de estrangeiro atravessará diferentes crônicas que escreve, num registo irónico e humorístico tão próprio da sua escrita.

Explorando narrativas de um quotidiano ancorado nas suas próprias vivências, trabalhando uma pessoalidade do discurso própria da crónica, João Ubaldo Ribeiro fala da sua chegada, dos seus contactos-confrontos com um espaço outro e uma cultura outra, vendo-se ele próprio como um outro que não reconhece no espelho berlinense. Com efeito, a imagem de si e da sua inscrição cultural brasileira que lhe é devolvida permite-lhe identificar com estupefação toda uma *doxa* em circulação sobre um Brasil primitivo, venal e libertino. Ora, como lembra François Provenzano, a noção de *doxa* remete para

l'ensemble des opinions couramment admises, des croyances largement partagées, des savoirs informels diffusés au sein d'une communauté socio-historique et culturelle donnée. [...] Considérée comme un agrégat de croyances non vérifiées, la doxa s'assimile aux apparences mouvantes et trompeuses, aux opinions intuitives, et s'oppose à la vérité démontrée (Provenzano [s.d.]).

Se, como Ruth Amossy observa, em *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, se pode identificar uma bivalência constitutiva (Amossy 1991), entre uma dinâmica pejorativa e uma dinâmica construtiva, e Amossy dá como exemplo o estereótipo, nas representações mentais em circulação num discurso social a marcar comportamentos face ao estrangeiro, em *Um brasileiro em Berlim* tal dinâmica é eminentemente pejorativa.

Contudo, para João Ubaldo Ribeiro, que se considera, nesta situação de deslocado, um embaixador cultural⁶, não se trata nestas crônicas de refutar, demonstrar ou mostrar o que é para si o verdadeiro Brasil. Recorrendo, por vezes, a uma autoirrisão ou a um modo disruptivo, provocatório, irónico ou sarcástico⁷, o autor vai fazendo implodir todo um conjunto de heteroimagens aparentemente com larga difusão no espaço público do Primeiro Mundo, para retomar a expressão, não inocente, usada pelo autor para dizer Europa⁸, com tais processos conseguindo, afinal, que o espaço europeu, neste caso alemão, se veja a si mesmo ao espelho na relação com o outro estrangeiro. E recordo tão só que estas crônicas foram publicadas pela primeira vez para leitores alemães.

Atente-se aqui apenas num ou noutra exemplo.

⁶ Ver «Batalhas culturais».

⁷ «Apesar do tom de improviso e do estilo escorrito que, por vezes, marcam as suas crônicas, é indiscutível a cultura/saber que se vislumbra por detrás dos seus textos, pois só assim se consegue abordar o trágico de forma irónica. De facto, a ironia, marca das suas crônicas, tem vindo a acentuar-se ao longo dos anos, chegando, não raras vezes, a transformar-se em desencanto e sarcasmo» (Xavier 2005, p. 324).

⁸ Ver «Sexy Brasil, sexy Berlim».

No que toca à autoirrisão, o cronista apresenta-se como o tartamudo do Kurfürstendamm (Ribeiro 2011) na crónica do mesmo nome, narrando a sua batalha com uma língua alemã, língua «bela» mas «esquiva», com vários episódios de claro malogro comunicativo.

Já na crónica «Sexy Brasil, sexy Berlim», face a ideias feitas sobre o primitivismo brasileiro, escreve com ironia o irreverente Ubaldo Ribeiro:

Basta um certo ar primitivo, uma risada levemente inquietante e ar de pasmo diante de novidades tecnológicas, tais como fogões elétricos, geladeiras, ou mesmo isqueiros — quase tudo que não seja de madeira ou couro serve. Villa-Lobos, o grande compositor brasileiro (ou colombiano, ou venezuelano, ou boliviano, é tudo a mesma coisa), se divertia na Europa contando como se comia gente no Brasil e eu mesmo, que já andei escrevendo umas cenas de canibalismo, creio haver, certa feita em Nuremberg, percebido nervosismo numa companheira de mesa, cada vez em que eu olhava para o braço dela e pegava no ketchup (mas resisti e não dei uma dentadinha nela) (Ribeiro 2011).

A presença de uma *doxa*, constituída por ideias feitas, nas crónicas de *Um brasileiro em Berlim*, chega mesmo a aproximar-se de uma interlíngua que seria profícua para as relações entre culturas. Nesse sentido, em «Os índios de Berlim», constata o cronista: «Uma coisa eu aprendi, nesta minha temporada berlinense: só apareço outra vez na Alemanha depois de frequentar um curso sobre a Amazônia e ler pelo menos uma bibliografia básica sobre os índios brasileiros» (Ribeiro 2011).

Com efeito, a deslocação transatlântica de João Ubaldo Ribeiro acaba por funcionar como um breve tratado prático sobre a relação Alemanha-Brasil e Brasil-Alemanha. Eis algumas sínteses essencialistas e simplificadoras de representações culturais alemãs sobre o Brasil que na obra se enunciam, numa formulação e ordem arbitrária de responsabilidade minha:

1. Falar em Brasil é evocar índios.
2. Falar em Brasil é evocar a Amazônia.
3. Falar em Brasil é evocar ditadores militares cobertos de medalhas do tamanho de panquecas.
4. O Brasil é um país de costumes libertinos.
5. O Brasil é um país primitivo.
6. Nos trópicos, o erotismo faz parte do ar que se respira.
7. Quando um brasileiro diz *amanhã* raramente está a ser exato.

A singularidade das culturas é, pois, a todo o momento, objeto de atenção nestas crónicas e, particularmente, no que respeita às culturas alemã e brasileira que, na sua relação vivencial, quotidiana, com o tempo e no modo de dizer o tempo, parecem estar, na verdade, nos antípodas. Assim, em «Vida organizada», João Ubaldo Ribeiro declina a polissemia do «amanhã» brasileiro: «“Amanhã” significa, entre outras coisas, “nunca”, “talvez”, “vou pensar”, “vou desaparecer”, “procure outro”, “não quero”, “no próximo ano”, “assim que eu precisar”, “um dia destes”, “vamos mudar de assunto”, etc. e, em casos excepcionálissimos, “amanhã” mesmo»; «coitado do alemão que vá para o Brasil acreditando que, quando um brasileiro diz “amanhã”, está realmente querendo dizer “*morgen*”. Raramente está» (Ribeiro 2011, em «Vida Organizada»).

A necessidade de produzir sínteses e de alertar compatriotas brasileiros sobre idiosincrasias germânicas igualmente tem lugar em *Um brasileiro em Berlim*. Na crónica significativamente intitulada «Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)», elegem-se como aspetos-traços a assinalar alemães nus, a bandejinha, o tráfego e o olhar que, de novo, permitem ao leitor a formulação de enunciados breves, mas agora em relação à Alemanha:

1. Ir ao lago ver alemães nus permite fazer a experiência de uma assombrosa alteração da libido.
2. Quando deus criou o mundo, criou a bandejinha e sem ela a civilização é impossível, pois só aí se deve deixar o dinheiro aquando de um pagamento na Alemanha.
3. Uma das atrações turísticas em Berlim para os brasileiros é assistir às pessoas esperando disciplinadamente que o sinal abra.

Nota bene: Peões, se há algo mais sagrado que a bandejinha, é a pista das bicicletas.

4. Ninguém olha para ninguém.

E o brasileiro João Ubaldo Ribeiro conclui no confronto entre culturas:

No Brasil, muitas vezes me queixo de que as pessoas falam alto demais, se olham, pegam, esfregam, abraçam e beijam demais. Já aqui, sinto uma espécie de privação sensorial. [...] hoje [...] eu gostaria de ter voltado para casa com a sensação de que alguém na rua me viu, e fiquei com saudades de casa (Ribeiro 2011).

Ubaldo Ribeiro sente ainda a necessidade de dar um contributo prático para um guia de viagem à Alemanha, integrando em *Um brasileiro em Berlim*, um apêndice intitulado «Alemanha para principiantes», conjunto de «palpites de um compatriota que tem vivência na Alemanha», muitos deles reveladores de constructos culturais de que é preciso ter consciência, quase se podendo constituir num decálogo:

1. A plasticidade do termo *bitte*, sublinhando que se pode acomodar a múltiplas situações do cotidiano.
2. Persuasão sobre o muito que há para ver na Alemanha (contrariamente à ideia feita brasileira).
3. Jantar tarde é complicado.
4. Quem fala inglês não quebra o galho em qualquer lugar.
5. Os alemães não acham muita graça a piadas sobre a sua língua.
6. Papo de Hitler pega mal.
7. Não falar alto em público; não olhar para alguém em público; não tocar nas pessoas; não ser impontual.
8. Birita: existe o alemão sóbrio e o alemão cheio de cerveja.
9. Mulheres alemãs não são taradas.
10. Homens: «grande número deles é convencido de que as brasileiras andam nuas e dão imediatamente a quem lhes pedir» (Ribeiro 2011).

Neste apêndice para principiantes na Alemanha, junta-se ainda um «Pequeno glossário de palavras e expressões úteis».

Num género que conscientemente se encena com roupagens de aparente superficialidade e que o jogo humorístico, com frequência, sublinha, João Ubaldo Ribeiro vê e dá a ver algo que vai para além de simples *flashes* de um quotidiano vivido em espaço alemão. A deslocação transatlântica fisicamente acontecida, replica-se, por um lado, num conjunto de deslocações num discurso social, num imaginário coletivo que põe face a face um Primeiro Mundo com um Novo Mundo — e a ordem podia ser a inversa — atentos que estão um ao outro mesmo quando à distância. Por outro lado, tal deslocação a aproximar fisicamente comunidades distantes, distintas, permite identificar e problematizar questões identitárias e de alteridade, mas igualmente permite pensar a inscrição da pessoa humana numa humanidade alargada que experimenta o devir histórico ou a experiência da fragilidade comum a todos.

Numa tipologia textual como a crónica, a arte da brevidade parece adequar-se a uma apresentação da *doxa* com uma enorme visibilidade, a forma breve, porém, não impedindo um exercício crítico corrosivo que pela ironia vai desconstruindo um pseudossaber essencialista e simplista sobre o outro, desnudando o seu carácter de constructo cultural. Pequeno tratado prático e fragmentado de interculturalidade germano-brasileira (e a ordem poderia de novo ser a inversa), *Um brasileiro em Berlim* pode funcionar também afinal como instrumento ao serviço do desenvolvimento de uma competência intercultural.

BIBLIOGRAFIA

- AMOSSY, Ruth, 1991. *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*. Paris: Nathan.
- COUTINHO, Isabel, 2011. As histórias do Grande Ubaldo. *Público* [Em linha]. 2011-09-11 [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2011/09/11/jornal/as-historias-do-grande-ubaldo-22862652>.
- DUFAYS, Jean-Louis, 2016 [1994]. Stéréotype et littérature. L'inéluctable va-et-vient. Em: Alain GOULET, dir. *Le stéréotype*. Caen: Presses Universitaires de Caen, pp. 77-89.
- GOIN, Émilie, [s.d.]. Stéréotype. Em: Anthony GLINOER, e Denis SAINT-AMAND, dir. *Le lexique socius* [Em linha] [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <http://ressources-socius.info/index.php/lexique/21-lexique/201-stereotype>.
- MERTIN, Ray-Güde, 2011. Posfácio. Em: João Ubaldo RIBEIRO. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- PROVENZANO, François, [s.d.]. Doxa. Em: Anthony GLINOER, e Denis SAINT-AMAND, dir. *Le lexique socius* [Em linha] [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <http://ressources-socius.info/index.php/lexique/21-lexique/57-doxa>.
- RIBEIRO, João Ubaldo, 2014 [2005]. Autobiografia João Ubaldo Ribeiro – Pré-defunto chato e reaccionário. *Jornal de Letras* [Em linha]. 2014-07-18 [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2014-07-18-a-autobiografia-de-joao-ubaldo-ribeiro-1941-2014f789880/>.
- RIBEIRO, João Ubaldo, 2011. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- XAVIER, Lola Geraldés, 2005. O quotidiano brasileiro na crónica contemporânea: João Ubaldo Ribeiro e Alcione Araújo. *Forma Breve*. (3), 321-334.

DO FIM DO MUNDO NA POESIA BRASILEIRA: ALGUNS EXEMPLOS, ANÚNCIOS, EXORCISMOS*

PEDRO EIRAS**

Resumo: *Tendo como pano de fundo o imaginário do fim do mundo na literatura brasileira, este ensaio lê alguns poemas do volume Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea (org. Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias, Contracapa, 2022). Numa representação plural da catástrofe, referências bíblicas cruzam-se com notícias da atualidade, a tradição do cordel funde-se com a denúncia do horror presente: o imaginário do fim do mundo não para de se reinventar para dizer os medos e as lutas do século XXI.*

Palavras-chave: *Poesia brasileira; Um Brasil Ainda em Chamas; Wilson Alves-Bezerra; Jefferson Dias; Fim do mundo.*

Abstract: *Having as a backdrop the imaginary of the end of the world in Brazilian literature, this essay reads some poems from the volume Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea (org. Wilson Alves-Bezerra and Jefferson Dias, Contracapa, 2022). In a plural representation of the catastrophe, biblical references intersect with current news, the tradition of the cordel merges with the denunciation of the present horror: the imaginary of the end of the world continues to reinvent itself to reflect the fears and struggles of the 21st century.*

Keywords: *Brazilian poetry; Um Brasil Ainda em Chamas; Wilson Alves-Bezerra; Jefferson Dias; End of the world.*

Um ensaio sobre o imaginário do fim do mundo na poesia brasileira exigiria várias centenas de páginas — se não milhares. Teria de se debruçar, por exemplo, sobre o soneto «Apocalipse», de Augusto dos Anjos, com o seu anúncio de uma «subversão universal», os seus «despedaçamentos, derrubadas, / Federações sidéricas quebradas...», e a solidão impotente de um sujeito que testemunha o fim: «E eu só, o último a ser, pelo orbe adiante, // Espião da cataclísmica surpresa / A única luz tragicamente acesa / Na universalidade agonizante!» (1963 [s.d.], p. 228). Implicaria uma extensa leitura do «Poema da necessidade», de Carlos Drummond de Andrade, segundo o qual «É preciso salvar o país, / é preciso crer em Deus, / é preciso pagar as dívidas, / é preciso comprar um rádio, / é preciso esquecer fulana», mas também, numa lista tão imperiosa quanto torrencial, «É preciso viver com os homens / é preciso não assassiná-los, / é preciso ter mãos pálidas / e anunciar o FIM DO MUNDO» (2002 [1940], p. 21). Seria incontornável ler o poema

* Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

** U. Porto/ILCML. Email: peiras@letras.up.pt.

«O fim do mundo», de João Cabral de Melo Neto, denúncia de um cotidiano repetido, morno, conformado, pior do que qualquer catástrofe apocalíptica (1986 [1945], p. 417):

*No fim de um mundo melancólico
os homens lêem jornais.
Homens indiferentes a comer laranjas
que ardem como o sol.*

[...]

*O poema final ninguém escreverá
desse mundo particular de doze horas.
Em vez de juízo final a mim preocupa
o sonho final.*

O ensaio teria de comentar, no mínimo, o choro «E o mundo não se acabou», de Assis Valente — interpretado por Marlene, Carmen Miranda, Ney Matogrosso, Adriana Calcanhotto... —, crônica de uma catástrofe que não se verifica, mas que pelo menos desinibe o desejo: «Acreditei nessa conversa mole / Pensei que o mundo ia se acabar / E fui tratando de me despedir / E sem demora fui tratando de aproveitar. / Beije na boca de quem não devia / Peguei na mão de quem não conhecia / Dancei um samba em traje de maiô / E o tal do mundo não se acabou» (2024 [1938], s.p.). Seria preciso, claro, lembrar Elza Soares, enfrentando corajosamente a catástrofe: «Mulher do fim do mundo / Eu sou e vou até o fim cantar» (2015, s.p.). E visitar Arnaldo Antunes, que descreve «O dia de amanhã», a resiliência mesmo depois do fim: «O mundo já passou do fim do mundo / O fim do mundo já passou do fim» (2005, s.p.). E ainda o «Poema para a catástrofe do nosso tempo», de Alberto Pucheu, enfatizando um conselho sagaz: «mas não podemos entrar numa neurose, / como se fosse o fim do mundo» (2020, s.p.). Também importaria ler livros que introduzem a clave escatológica logo no título: *07 Notas sobre o Apocalipse ou Poemas para o fim do mundo*, de Tatiana Nascimento (2019), ou *Estive no Fim do Mundo e me Lembrei de Você*, de Adriane Garcia (2021). Sem esquecer que o fim dos tempos também se declina em prosa — entre uma crônica de Cecília Meireles sobre «O fim do mundo» (1998 [s.d.], p. 73), o estudo de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro *Há Mundo por Vir?* (2015 [2014]), ou um livro-manifesto de Ailton Krenak sintomaticamente intitulado *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019).

E *etc.* — um inesgotável *etc.*

Esta enumeração, já extensa, não deixa de ser parcial, ilustrativa, um simples convite a uma pesquisa muito mais demorada, a exigir o trabalho de toda uma equipa.

Ainda assim, mesmo numa breve visão panorâmica, começam a surgir algumas repetições (como a remissão para o hipotexto bíblico, ou a conversão do medo em gesto de resistência) e também significativas diferenças (o desespero *versus* o desejo, o lamento *versus* o riso, certa melancolia paralisante *versus* a capacidade de reinventar mundos depois do fim); como Camões diz do amor, também o fim do mundo é «tão contrário a si», tão igualmente ambivalente e indefinível.

A essas duas dificuldades de fundo — quantitativa e qualitativa — conviria acrescentar ainda algumas questões de difícil (ou impossível) resolução: será possível detetar influências, contaminações, laços de família entre tais propostas poéticas apocalípticas? Haverá alguma especificidade no tratamento da questão apocalíptica na poesia brasileira, um certo dizer do fim do mundo intrínseco à literatura escrita no Brasil? Mas será sequer possível pensar este tema como uno, e subsumir na mesma designação de «fim do mundo» fenómenos tão diversos como o *fin-de-siècle*, a urgência de um combate político, catástrofes sociais e ecológicas? Novamente, parece impor-se um *etc.* de dimensões incalculáveis.

Claro que um breve artigo como este não poderá resolver nenhum desses desafios. Na verdade, proponho-me um objetivo mais modesto: observar uma antologia de poesia brasileira recente, sob o ponto de vista da tonalidade apocalíptica. Penso no volume *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*, organizado por Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias, e publicado pela editora Contracapa, de Vila Meã (Portugal), em maio de 2022.

A antologia abre com um texto prologal, assinado pelos organizadores, em tom assumidamente inquietante. Sob o sintomático título *Itinerário do descaminho — ou de como antologiar poesia em um Brasil ainda em chamas*, o texto de Jefferson Dias e Wilson Alves-Bezerra denuncia com grande veemência diversos males do Brasil contemporâneo: já não só «pouca saúde e muita saúva», como no diagnóstico tragicómico de *Macunaíma* (Andrade 2004 [1928]), mas também a violência policial, o racismo instalado, a pobreza e a fome, a misoginia, a calculada destruição da Amazónia, o triunfo de um neoliberalismo onnipresente e onnipotente, a presidência de Jair Messias Bolsonaro. Neste contexto de catástrofe, os autores salientam a «tanatologia vulgarizada» e a «necropolítica» (Dias e Alves-Bezerra 2022, p. viii) do Brasil de hoje, conduzindo a um radical epistemicídio: toda uma tradição, um saber ancestral, uma pluralidade de cosmovisões são assim condenados ao desaparecimento. Ou ainda, como escrevem Dias e Alves-Bezerra, num enunciado porventura generalizante, mas capaz de denúncia direta, «Tudo é morte, tudo é crime na Terra de Vera Cruz» (2022, p. vii).

Por outro lado, a leitura dos poemas demonstra que, onde existe o perigo, cresce também o que salva, como quer Hölderlin (1991 [1802]); ou seja, os textos incluídos na antologia — e a própria antologia como um todo maior do que as partes, como uma cartografia de vozes dialogantes — permitem responder à política tanatológica do Brasil

com uma reinvenção de linguagem de resistência, contestação, luta. Onde um contexto catastrófico insiste em hierarquizar, oprimir ou mesmo calar a pluralidade das vozes (da mulher, do negro, do indígena), estes textos permitem recuperar um descentramento crítico, uma explosão de perspectivas. Assim, a antologia não é um lamento constativo, mas um ato performativo de rebeldia: contra a necropolítica, uma resposta vital de reinvenção do mundo pela palavra.

Um Brasil Ainda em Chamas inclui textos de 38 autores. Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias referem o projeto de reunir escritores de numerosas zonas do Brasil; as breves notas biográficas revelam percursos individuais extremamente variados. Todo o volume parece conjugar a percepção comum de um estado de coisas injusto, criminoso e desumano, com uma pluralidade de estilos, temas, referências: a uma mesma inquietação política respondem diversas propostas poéticas. Claro que não poderei dar conta aqui de todas essas escritas, de todos os diálogos implícitos e significativos que estabelecem. Neste breve artigo, regresso apenas à ideia de fim do mundo — como matriz narrativa que permite a alguns destes autores descreverem o Brasil contemporâneo. Em suma, estou interessado pelo modo como as referências apocalípticas, o léxico da catástrofe e da destruição são assumidos por alguns poemas; estou interessado pelo modo como um imaginário apocalíptico muito antigo se aplica a um universo extremamente contemporâneo, reinventando-se.

Vejamos, então, quatro reescritas poéticas brasileiras do fim do mundo.

1. UM FUROR IRÓNICO

Augusto Meneghin, nascido em 1987 no Estado de São Paulo, é autor de dois livros de poesia: *O Mar sem Nós* e *Pluma e Imensidão*. A antologia *Um Brasil Ainda em Chamas* inclui o seu poema «Brasil», do qual cito apenas os últimos versos (2022, pp. 22-23):

Brasil eu não conheço o seu sexo
Brasil eu queria uma farmácia cheia de floriculturas
Brasil eu queria uma farmácia cheia de poemas
Os pardais não parecem brasileiros
As Academias são manicômios da Igreja
As Igrejas são manicômios da Miséria
Brasil eu desejo um paradoxo
Quero Augusto dos Anjos em versos brancos
& morar na Sombra de sua Melancolia
& ser agarrado pela Noite sem sapatos
& me afogar no mar poluído da Separação
& dançar até o Apocalipse
Das crianças mortas

Tendo sido escrito em 2007, este poema não designa o mesmo Brasil que outros poemas da antologia, mais recentes; porém, muitos dos males que enumera regressarão em textos escritos nos últimos anos, por outros autores, demonstrando-se assim a persistência trágica de diversos problemas. Num ritmo torrencial, o poema de Meneghin refere as favelas, as balas perdidas, as guerras, o racismo, os assassinatos; e, no fim, a inoperância das instituições, condenando o país a uma insanável paralisia: «As Academias são manicômios da Igreja / As Igrejas são manicômios da Miséria».

Em contradição com esse panorama disfórico, o tom do poema, porém, é épico, galvanizante, numa tradição que decerto vem de Whitman, do futurismo italiano, de Álvaro de Campos, e sobretudo de Allen Ginsberg, a quem Augusto Meneghin dedica este «Brasil». Mesmo o caos e a ruína são invocados num discurso de intensa euforia, fazendo lembrar a escrita torrencial da *Beat Generation*. De resto, o discurso insiste ainda numa forte tensão sexual e numa sugestão de epifania: «Brasil eu quero seu cu / Não importa o que aconteça será sagrado» (2022, p. 21), ou seja, uma experiência que, mesmo atravessando o horror de sucessivos manicômios, se pretende radical, extática, sublime.

Ora, «Brasil» termina com uma referência escatológica explícita: «Brasil eu desejo um paradoxo / Quero Augusto dos Anjos em versos brancos / & morar na Sombra de sua Melancolia / [...] / & dançar até o Apocalipse / Das crianças mortas». Eis então a pergunta fundamental da minha leitura: por que razão o poema evoca aqui o *Apocalipse*? Ou talvez: que consequências tem, sobre o poema, a evocação do *Apocalipse*? Mas, para responder, seria preciso primeiro decidir em que sentido se usa a palavra «apocalipse»: *revelação*, conforme quer a palavra grega, ou *destruição*, como prefere a aceção corrente? Pois não é certo que este «apocalipse» seja eufórico nem disfórico, e o sentido do fecho do poema depende da leitura deste ambíguo *pharmakon* (cf. Derrida 1993 [1972]).

Quanto ao cotexto dessa palavra, de forma nenhuma permite resolver a interpretação de forma definitiva: «Quero [...] / [...] dançar até o Apocalipse» é uma manifestação eufórica de desejo, mas «o Apocalipse / Das crianças mortas» é um retrato disfórico do horror. Talvez este «apocalipse» seja indecifrável: denúncia e festa, protesto e êxtase, crítica mas também experiência de euforia estética. Em *El Fin del Mundo como Obra de Arte*, Rafael Argullol lê o *Apocalipse* de João para observar como o fim do mundo pode ser explorado enquanto espetáculo, artefacto verbal, gozo da narrativa; trata-se de um «problema artístico» (2007 [1991], p. 35), exigindo um domínio do *suspense*, de uma precisão matemática, de macabros contrastes. Talvez o «Apocalipse» de Augusto Meneghin tenha aqui a mesma função: elemento estético, mais que ético, gozo dos sentidos.

2. A TERRA NOVAMENTE DEVASTADA

Jefferson Dias é autor de três livros de poesia e de uma *plaque* sugestivamente intitulada *Políptico Apocalíptico*, publicada em 2021 pela Editora Primata. A antologia *Um Brasil Ainda em Chamas*, que coorganiza, inclui o seu poema «Cântico pré-apocalíptico». Cito alguns excertos (2022, p. 37):

Há o medo:

[...]

*A selvageria dos modos mais civilizados de matar
Crimes do século*

Tomamos parte em muitos e os achamos

Belos

Debaixo dos nossos edredons

De sete palmos de terra.

(As pessoas estão menos livres

[...]

Muitas jazem

Com um tiro na nuca.)

[...]

(Estão abolidos os apertos de mão.)

[...]

A civilização vai desabar sobre os selvagens

O fino talco

O peido do palhaço

A civilização

Afinal.

Há o medo

Tão quentinho

E tiritamos

Somos as caveiras

Sob os lençóis

Arrastamos nossas sombras de neônio

Voluteamos babélicos

[...]

O urro retumba próximo como um cadafalso.

Se «Brasil» de Augusto Meneghin procura filiar-se explicitamente na tradição de uma poesia eufórica, com marcos incontornáveis em Whitman e Ginsberg, e uma confiança aguerrida na pluralidade das formas que o mundo contemporâneo assume, este «Cântico pré-apocalíptico» de Jefferson Dias mais depressa ecoa o desencanto de um Eliot, com o seu lamento por uma terra devastada, ou as ruínas de uma civilização exausta. Para esse diagnóstico, Dias cruza perspectivas sociológicas, antropológicas, históricas, listando «A selvageria dos modos mais civilizados de matar» e os «Crimes do século». De que crimes se trata aqui ao certo, quando o sujeito do poema afirma que «Tomamos parte em muitos e os achamos / Belos»? Será demasiado especulativo pensar no genocídio dos povos autóctones do Brasil, realizado pela chamada «civilização»? Nesse caso, importa repetir a sentença de Walter Benjamin, no seu ensaio «Sobre o conceito da História»: «Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie» (2010 [1940], p. 12). Ou seja, nesta civilização conquistada ao preço do crime, qualquer laço político está condenado a desfazer-se numa improdutiva Babel.

Em que sentido este poema é «pré-apocalíptico»? Não numa glosa explícita do texto de João em Patmos, e ainda menos no sentido de uma revelação concedida a uma testemunha, mas na sequência de catástrofes que minam todas as estruturas sociais. Ora, Jefferson Dias colhe essas catástrofes na atualidade. Versos como «(As pessoas estão menos livres / [...] / Muitas jazem / Com um tiro na nuca.)» podem fazer referência ao assassinato político de Marielle Franco; o verso «(Estão abolidos os apertos de mão.)» parece mesclar uma menção ao isolamento social provocado pela pandemia de covid-19 e uma denúncia da desconfiança generalizada; e o segmento «A civilização vai desabar sobre os selvagens / O fino talco / O peido do palhaço / A civilização / Afinal» remete claramente para declarações de Regina Duarte; conforme Jefferson Dias esclarece numa nota introdutória ao poema, «Quando o poeta escreveu este cântico, a secretária especial da cultura (em minúsculas) acabara de asseverar: a cultura no Brasil é o peido pejado de talco do palhaço» (2022, p. 32).

Neste poema extenso, a única referência explícita ao *Apocalipse* está no seu título. Talvez pareça pouco. Pelo contrário, entenderei que basta uma só referência (mais a mais, num lugar tão estratégico como o título de um texto) para obrigar a uma leitura de todo o poema sob a lente do imaginário apocalíptico. Ou então, numa ótica inversa, pode-se pensar o imaginário apocalíptico materializado num estado de coisas vigente no Brasil, atualização insólita das catástrofes neotestamentárias em novas formas, contemporâneas: crimes, conformismo, solidão, desprezo pela cultura. Seja qual for a perspectiva escolhida, em todo o caso, subsiste pelo menos este encontro produtivo entre uma linguagem muito antiga e uma linguagem muito recente, poeticamente implicadas uma na outra.

3. CORDEL DO FIM DOS TEMPOS

Wilson Alves-Bezerra nasceu em 1977; é autor de diversos livros de poesia, ficção e ensaio, três dos quais também publicados em Portugal. *Um Brasil Ainda em Chamas* inclui um extenso poema intitulado «O sétimo selo». Cito o seu *incipit* (2022, p. 51):

*Foi no tempo da peste
que aquele homem agreste,
os lábios oprimidos, de tão juntos,
mostrou gostar de defuntos
e se pôs a predicar:
aqui ninguém morreu.
Essa gripezinha não vai me pegar,
com minha história gloriosa
não tem nada que possa me deter.
Vamos escolher seguir em frente.
A economia não pode parar.*

Como na análise anterior, volto a recorrer à nota introdutória do poema, um pequeno texto em prosa onde o autor esclarece: «Este poema [...] foi escrito e publicado [...] em abril de 2020, nos primeiros tempos da pandemia de covid-19, no início do genocídio ao qual o povo brasileiro tem sido submetido por conta da gestão criminosa de seu presidente, Jair Messias Bolsonaro» (2022, p. 50). É claro que o poema de Wilson Alves-Bezerra, mesmo não conferindo nome ao «homem agreste, / os lábios oprimidos, de tão juntos», não investe em qualquer obscuridade ou hermetismo; pelo contrário, enunciados como «Essa gripezinha não vai me pegar», «com minha história gloriosa / não tem nada que possa me deter» ou «A economia não pode parar» são reconhecíveis de proclamações públicas, amplamente difundidas, de Jair Bolsonaro. Mas o poema opta por um anonimato e uma vaga marcação temporal («Foi no tempo da peste») que fingem atenuar essa identificação, criando o ambiente de um conto de fadas (ou talvez, neste caso, de uma história de terror). Por outro lado, aquilo que os versos mantêm num irónico tom de fábula é designado pela apresentação em prosa em termos absolutamente inequívocos: «genocídio» e «gestão criminosa de [...] Jair Messias Bolsonaro».

Por outro lado, a estrutura do poema, a narratividade assumida e o tom satírico aproximam este «O sétimo selo» da tradição de poesia de cordel. Distante do modelo elegíaco eliotiano ou da euforia de Ginsberg, o poema de Wilson Alves-Bezerra filia-se assim na tradição folclórica brasileira, não sem escárnio e maldizer, fazendo a crónica de uma catástrofe politicamente calculada: «aquele homem agreste [...] / nos obrigou a contar defuntos, / para dar de ombros no fim do dia, / com uma piada, / [...] /

enquanto na beira do túmulo você chorava / e corpos se amontoavam / em contêiners,
/ em sacos, / em valas comunitárias, / em frigoríficos. / Ele dizia: isso logo passa.
/ Não tem pandemia» (2022, p. 53).

O que há, também neste poema, de apocalíptico? Mais uma vez, o título: no *Apocalipse* de João, como se sabe, «O sétimo selo» remete para um misterioso livro — ou seja, um rolo fechado com sete selos — que deve ser aberto para precipitar o fim dos tempos. Contudo, ao abrir de cada selo corresponde uma catástrofe, como a chegada dos quatro cavaleiros — a peste, a guerra, a fome, a morte; na abertura do sexto selo, «houve um grande terremoto e o Sol ficou preto [...] e os astros do céu caíram à terra, [...] e o céu abriu-se como um livro a ser enrolado e toda a montanha e ilha moveram-se dos seus lugares» (Ap 6: 12-14). Na abertura do sétimo selo, misteriosamente, sobrevém «um silêncio no céu de aproximadamente meia hora» (Ap 8: 1); e sabemos como Ingmar Bergman (1957) faz dessa misteriosa meia hora a metonímia do silêncio de Deus e do desamparo humano. É a mesma referência bíblica que Wilson Alves-Bezerra usa para descrever a presidência de Jair Messias Bolsonaro; o próprio nome permite uma denúncia irônica (2022, p. 55):

*As pessoas não tinham comida.
As pessoas não tinham gás.
As pessoas só podiam era olhar a têvê.
Ou olhar para trás.
E ver
Satanás nos olhos do Messias:
Vocês querem que eu faça o quê?
Todo mundo vai morrer um dia,
ele dizia.*

Se o sétimo selo remete para o *Apocalipse*, e se esse livro personifica o mal em figuras como o Anticristo ou a Besta com o número 666, Wilson Alves-Bezerra desvenda, sob o nome «Messias», o nome de Satanás. A crônica do presente ganha sentido numa contraposição a uma narrativa muito antiga, judaico-cristã. E a breve meia hora de silêncio nos céus corresponde aqui a quatro longos anos de presidência.

4. CRÔNICA DE UM FIM ANUNCIADO

Por fim, leio um poema de Roy David Frankel, doutor em Ciência da Literatura e autor de dois livros de poesia: *Sessão* e *Fractal (Arte, Tempo, Espaço, Infinito)*. Cito o início e o fim de «Todo império» (2022, pp. 235-236):

*todo império irá ruir
todo homem e mulher que um dia puseram os pés nessa terra
serão carbono
tudo que é vivo
morrerá
tudo que um dia foi civilização
evaporará
apesar das inesgotáveis tentativas de lembrar
tudo será esquecido*

*toda pedra será areia
toda escrita ilegível
[...]
toda esperança ilusão
todo pecado imaculado
todo rei ninguém
toda história lenda
toda cultura museu
todo museu pó
até o isótopo radioativo
será comum*

*nada
resistirá à fome do tempo*

Ao contrário do que acontecia nos textos anteriores, o poema de Roy David Frankel não remete para o *Apocalipse*, nem para um paradigma cultural judaico-cristão. De resto, se o último livro da *Bíblia* anuncia, além do fim dos tempos, o regresso à eternidade, com os justos vivendo na Jerusalém celeste, o poema «Todo império» prefere focalizar o fim de modo radical, numa ruína e num esquecimento definitivos. Ao contrário também dos textos anteriores, o poema de Roy David Frankel não pretende apresentar uma crónica do presente, com remissões mais explícitas ou mais indiretas a pessoas, locais, eventos da cultura e da história brasileiras. Pelo contrário, trata-se de uma panorâmica universal, sem calendário nem cartografia: apresentação de uma lei abstrata, anúncio ou descrição de um fim do mundo — um fim que parece ainda mais radical por este poema ser o último da antologia *Um Brasil Ainda em Chamas*, encerrando definitivamente o volume.

Assim, todo o poema glosa uma única profecia de destruição: os impérios, os homens e as mulheres, todos os seres vivos, a civilização — tudo se reduzirá a nada. Pedras, escritas, esperanças, mesmo os pecados, a história e a cultura, em suma, as coisas e as memórias

das coisas — tudo será esquecido, numa data incerta. E, talvez numa sugestão de conflito e inverno nuclear, «o isótopo radioativo / será comum», portanto impeditivo do desenvolvimento da vida; nesta senda, a lei da destruição deixa de ser a simples consequência do devir heraclítico do mundo, para se tornar a consequência da desastrosa conduta humana — mas o carácter elíptico do poema nunca deixa confirmar em definitivo esta leitura. Certo, apenas, é que «nada / resistirá à fome do tempo», seja porque o tempo é naturalmente destrutivo (e escultor, acrescentaria Yourcenar...), seja porque o ser humano destrói mesmo aquilo que conserva, criando museus e depois aniquilando o mundo com radiações.

Mas este tom de lamento pessimista pode ser relativizado. Também nesta leitura me socorro da breve apresentação que antecede o poema, onde Roy David Frankel afirma: «esse poema é um convite à perspectiva. Não uma perspectiva paralisante, mas um olhar para o abismo» (2022, p. 234). Assim, é preciso compreender e conjugar diversos estratos do texto: um abismo futuro anunciado, o anunciar presente desse abismo, e decerto uma perspectiva que não deve propiciar a paralisia — mas talvez uma ação preventiva, transformadora, capaz de negar a própria terrível futurologia do poema. Dito de outro modo, entre o poema e a apresentação em prosa cria-se um conflito: constativo definitivo da destruição *versus* performativo problematizador do anúncio. Entre os dois, talvez caiba aos leitores a possibilidade de adiar ou impedir o fim do mundo. E se há no poema um confronto aberto com o fim, um assistir triste à efemeridade de todas as coisas, talvez seja útil não tentar negar demasiado depressa a sensação de impotência, mas aprender a converter essa melancolia em lucidez, e depois ação — conforme sugere Mariano Siskind em *Rumo a um Cosmopolitismo da Perda. Ensaio sobre o fim do mundo*:

os humanistas deveriam também dar espaço para engajamentos melancólicos com o fim do mundo — nós deveríamos insistir, para plateias dentro e fora das humanidades, que temos de estar deprimidos e até mesmo paralisados em relação ao que está ocorrendo, que, antes e além de tentarmos superá-lo com modos automáticos e auto-confiantes de politizá-lo e instrumentalizá-lo, uma posição subjetiva melancolicamente enlutada pode de fato ser a única forma de absorver totalmente, de realmente assimilar a gravidade e a escala de dor que nos cerca (2020 [2018], p. 75).

Para concluir, relembro os limites necessariamente modestos deste artigo: de maneira nenhuma se trata de esgotar o tema do fim do mundo na literatura brasileira; nem de defender que toda a literatura brasileira é apocalíptica; nem sequer de definir uma qualquer especificidade na poesia brasileira que evoca, anuncia, teme ou deseja o fim do mundo. Mesmo na antologia *Um Brasil Ainda em Chamas* há muitos poemas que designam uma crise socio-económico-política sem recorrer à ideia do fim do mundo; e claro que existe muita poesia brasileira contemporânea menos apocalíptica do que

genesíaca, ou que simplesmente nem sequer pensa nestes termos. Qualquer generalização pecaria, assim, por simplismo; e conclusões mais gerais exigiriam um trabalho de leitura que de maneira nenhuma cabe fazer aqui.

Este artigo pretende apenas assinalar isto: que o imaginário do fim do mundo (e muitas vezes o *Apocalipse* de João) se revela produtivo em alguma poesia brasileira contemporânea; que um vocabulário muito antigo se mostra fértil perante um estado de coisas muito recente, num jogo de citações, referências, glosas, ironias; que o fim do mundo é denunciado em poemas capazes de protesto, revolta e reinvenção. Pistas de trabalho a desenvolver, um dia, com um *corpus* bem mais extenso, num ensaio mais demorado. Até essa oportunidade, fique pelo menos esta manifestação de vitalidade e resistência da poesia, mesmo perante o fim do mundo. Ou, nas palavras de Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias, organizadores do volume, lembrando a cor intensa do pau-brasil, «É contra [...] a noite purulenta [...] que tecemos essa teia [...] em uma terra que, como insiste o nome, tem o chão em brasa» (2022, p. xvi).

BIBLIOFILMOMUSICOWEBGRAFIA

- AA.VV., 2022. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa.
- ALVES-BEZERRA, Wilson, 2022. O sétimo selo. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 49-59.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 2002 [1940]. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: Record.
- ANDRADE, Mário de, 2004 [1928]. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. 33.^a ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- ANJOS, Augusto dos, 1963 [s.d.]. *Apocalipse*. Em: Augusto dos ANJOS. *Eu (Poesias completas)*. 29.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, p. 228.
- ANTUNES, Arnaldo, 2005. O dia de amanhã. Em: AA.VV. *A Cor do Som – Acústico* [álbum]. Rio de Janeiro: Sony BMG.
- Apocalipse*. Em: *Bíblia*. Vol. II: *Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. Trad. de Frederico LOURENÇO. Lisboa: Quetzal, 2017, pp. 555-605.
- ARGULLOL, Rafael, 2007 [1991]. *El Fin del Mundo como Obra de Arte. Un relato occidental*. Barcelona: Alcantilado.
- BENJAMIN, Walter, 2010 [1940]. Sobre o conceito da História [Über den Begriff der Geschichte]. Em: Walter BENJAMIN. *O Anjo da História*. Ed. e trad. de João BARRENTO. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 9-20.
- BERGMAN, Ingmar, 1957. *Det Sjunde Inseget* [filme]. Argumento de Ingmar BERGMAN; com Max von SYDOW, Gunnar BJÖRNSTRAND, Bengt EKEROT et al. Suécia. 96 m. p/b.
- DANOWSKI, Déborah, e Eduardo Viveiros de CASTRO, 2015 [2014]. *Há Mundo por Vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora; São Paulo: Instituto Socioambiental.
- DERRIDA, Jacques, 1993 [1972]. *La Dissémination*. Paris: Seuil.
- DIAS, Jefferson, 2022. Cântico pré-apocalíptico. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 31-37.

- DIAS, Jefferson, e Wilson ALVES-BEZERRA, 2022. Itinerário do descaminho – ou de como antologiar poesia em um Brasil ainda em chamas. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. iii-xvi.
- FRANKEL, Roy David, 2022. Todo império. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 233-236.
- GARCIA, Adriane, 2021. *Estive no Fim do Mundo e me Lembrei de Você*. São Paulo: Editora Peirópolis.
- HÖLDERLIN, Friedrich, 1991 [1802]. Patmos [Patmos]. Em: Friedrich HÖLDERLIN. *Poemas*. Trad. de Paulo QUINTELA. Lisboa: Relógio d'Água, pp. 406-423.
- KRENAK, Ailton, 2019. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MEIRELES, Cecília, 1998 [s.d.]. O fim do mundo. Em: AA.VV. *Quatro Vozes*. Rio de Janeiro: Record, p. 73.
- MENEZHIN, Augusto, 2022. Brasil. Em: AA.VV. *Um Brasil Ainda em Chamas. Antologia de poesia brasileira contemporânea*. Org. de Wilson ALVES-BEZERRA, e Jefferson DIAS. Vila Meã: Contracapa, pp. 17-23.
- NASCIMENTO, Tatiana, 2019. *07 Notas sobre o Apocalipse ou Poemas para o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Garupa.
- NETO, João Cabral de Melo, 1986 [1945]. O fim do mundo. Em: João Cabral de Melo NETO. *Poesia Completa 1940-1980*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 417.
- PUCHEU, Alberto, 2020. Poema para a catástrofe do nosso tempo. *Cult* [Em linha]. 2020-05-15 [consult. 2023-03-04]. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/poema-para-catastrofe-do-nosso-tempo/>.
- SISKIND, Mariano, 2020 [2018]. *Rumo a um Cosmopolitismo da Perda: Ensaio sobre o fim do mundo [Towards a Cosmopolitanism of Loss: An essay about the end of the world]*. Copenhaga; Rio de Janeiro: Zazie Edições.
- SOARES, Elza, 2015. *A Mulher do Fim do Mundo* [álbum]. São Paulo: Circus. 39 m.
- VALENTE, Assis, 2024 [1938]. *E o mundo não se acabou* [Em linha] [consult. 2024-04-02]. Disponível em: www.mpbnet.com.br/musicos/assis.valente/letras/e_o_mundo_nao_se_acabou.htm.
- YOURCENAR, Marguerite, 1984 [1983]. *O Tempo, esse Grande Escultor [Le Temps, ce Grand Sculpteur]*. Trad. de Helena Vaz da SILVA. Lisboa: Difel.

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, POPE E VERGÍLIO: A PROPÓSITO DA TRADUÇÃO DE UMA ÉCLOGA

FRANCISCO TOPA*

Resumo: *O artigo aborda uma tradução inédita, provavelmente da autoria de Cláudio Manuel da Costa, de Messiah: a sacred eclogue, in imitation of Virgil's Pollio, de Alexander Pope. Para além do estudo da tradução — que tem uma versão em prosa e outra em verso —, apresenta-se também a edição do manuscrito.*

Palavras-chave: *Cláudio Manuel da Costa; Alexander Pope; Messiah: a sacred eclogue; Tradução.*

Abstract: *The article discusses an unpublished translation, probably written by Cláudio Manuel da Costa, of Messiah: a sacred eclogue, in imitation of Virgil's Pollio, by Alexander Pope. In addition to studying the translation — which has a prose and a verse version —, the edition of the manuscript is also presented.*

Keywords: *Cláudio Manuel da Costa; Alexander Pope; Messiah: a sacred eclogue; Translation.*

Alexander Pope é um dos mais importantes poetas ingleses do século XVIII e um dos que obteve maior recetividade e exerceu maior influência nas literaturas estrangeiras do Ocidente. Apesar disso, está por fazer uma avaliação sistemática dessa influência, pelo menos no caso das literaturas de língua portuguesa. No domínio concreto da tradução das obras de Pope, foi, contudo, dado há pouco um passo decisivo com a dissertação de mestrado de Gabriel de Abreu Machado Gaspar (2020)¹.

Por ela ficamos a conhecer uma lista com um pouco mais de uma dezena de traduções de obras do poeta londrino, elaboradas entre a segunda metade de Setecentos e os primeiros anos da centúria seguinte. A mais antiga dessas versões é de 1759, isto é, 15 anos depois da morte de Pope (Gaspar 2020, pp. 134-141), incluindo a lista, para além de poemas isolados, obras como *Essay on Man*, *An Essay on Criticism* ou *Eloisa to Abelard* e contando-se entre os tradutores poetas e intelectuais da dimensão da Marquesa de Alorna, D. Leonor de Lencastre, e do matemático José Anastácio da Cunha.

No caso do poema que motiva este artigo, *Messiah: a sacred eclogue*, Gaspar (2020, p. 139) menciona a tradução para latim² publicada por Guilherme Bermingham em 1814 no *Jornal de Coimbra*³. Ora, a verdade é que tal versão tinha saído já em folheto

* U. Porto/CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

¹ Dando continuidade a trabalhos como o de Jorge Bastos da Silva (2000).

² A primeira versão para essa língua tinha sido feita em 1728 por Samuel Johnson.

³ *Jornal de Coimbra*. 1814-04, n.º XXVIII, parte II, pp. 212-223.

autónomo meio século antes, em Nápoles⁴. Além disso, há uma interessante tradução para português que permaneceu manuscrita e a que pouca ou nenhuma atenção tem sido até agora dispensada. Assinada por «C. M. da C.», figura nas páginas 62-82 do códice 11438 da Biblioteca Nacional de Portugal. Adquirido em 1979, o manuscrito foi dado a conhecer por Rodrigues Lapa, a partir de informação do poeta e investigador Pedro da Silveira, e tem desde então gerado estudos e motivado a publicação de algumas das suas peças, com destaque para o recente trabalho de Carlos Versiani dos Anjos (2019). A razão maior do interesse dos investigadores reside no facto de muitos textos — que apresentam «C. M. C.» ou «C. M. da C.» como indicação de autoria — serem considerados de Cláudio Manuel da Costa. Embora não seja prova decisiva de paternidade, o peso de tais abreviaturas é, segundo Versiani dos Anjos, reforçado por «outra assinatura, o estilo poético de Cláudio Manuel da Costa, identificado pelo estudo comparativo mais atento dos textos» (Anjos, org., 2019, p. 35).

No caso da tradução da égloga *Messiah*, o problema da autoria não é decisivo, embora tanto as iniciais quanto o conteúdo religioso do texto pareçam apontar para o poeta brasileiro na última fase da sua vida. Antes, contudo, de passarmos ao seu estudo, façamos uma breve apresentação do original de Pope.

Sob o título de *Messiah: a sacred eclogue, in imitation of Virgil's Pollio*, o texto teve a sua primeira publicação no *The Spectator*⁵, a 14 de maio de 1712. O poema vinha então acompanhado de uma série de notas com citações do Livro de Isaías⁶ referentes à vinda de um Messias. Nessa primeira edição, a fonte vergiliana surgia apenas indicada no título. Mais tarde, em 1717, quando o texto foi incluído em *Works*, passou a estar precedido de uma nota explicativa, em tom de modéstia retórica, sobre as duas fontes utilizadas pelo autor:

ADVERTISEMENT

In reading several passages of the prophet Isaiah, which foretell the coming of Christ, and the felicities attending it, I could not but observe a remarkable parity between many of the thoughts and those in the Pollio of Virgil. This will not seem surprising, when we reflect that the Eclogue was taken from a Sibylline prophecy on the same subject. One may judge that Virgil did not copy it line by line, but selected such ideas as best agreed with the nature of Pastoral Poetry, and disposed them in that manner

⁴ *Messias: Ecloga Sacra Scripta Anglice ab Alexandro Popio: Latine reddita a Gulielmo Bermingham Presbytero*. Neapoli: Off. Simoniana, 1760.

⁵ Vol. 5, n.º 378.

⁶ Segundo os especialistas, Pope terá usado a Bíblia católica, na versão conhecida por Douai-Rheims, embora faça as citações a partir da versão anglicana. Alguns comentadores defendem também que tais notas, mais do que indicar as fontes do poema, seriam uma forma de Pope mostrar a ligação do seu *Messiah* e da égloga de Vergílio à longa tradição da literatura cristã.

which served most to beautify his piece. I have endeavoured the same in this imitation of him, though without admitting any thing of my own; since it was written with this particular view, that the reader, by comparing the several thoughts, might see how far the images and descriptions of the Prophet are superior to those of the Poet. But as I fear I have prejudiced them by my management, I shall subjoin the passages of Isaiah, and those of Virgil, under the same disadvantage of a literal translation⁷.

Por outro lado, como o refere este paratexto, o poema incluía também notas com passagens da égloga de Vergílio, traduzidas para inglês (à semelhança do que acontecia com as citações do Livro de Isaías).

A égloga de Vergílio é, ainda hoje, objeto de debate entre os classicistas. Escrita provavelmente em 42 a.C., é dedicada a Gaio Asino Polião, importante político que chegaria a cônsul dois anos depois e que foi também militar, literato e mecenas. O texto anuncia o nascimento de um menino salvador, cuja identidade tem vindo a ser objeto de múltiplas interpretações. Para alguns, o poema seria uma alegoria política, exprimindo um desejo de paz e a esperança numa nova Idade de Ouro, sinalizada pelo aparecimento de uma criança que tanto pode ser o filho de Polião como o rebento de Marco António e Otávia. Para outros, sobretudo na Antiguidade tardia e na Idade Média, o sentido seria mais de tipo espiritual: sublinhando a proximidade entre certas passagens da égloga e partes do Livro de Isaías, esses intérpretes viram no poema um conteúdo messiânico que corresponderia à figura de Cristo. Embora esta última leitura tenha sido depois abandonada, foi ainda acolhida por Pope, a avaliar pelo «Advertisement» acima transcrito.

É possível que Cláudio Manuel da Costa, a ser ele o autor, tenha refletido sobre a genealogia da égloga de Pope e tenha até acolhido a interpretação cristã do poema de Vergílio, mas a verdade é que não dispomos de elementos que o confirmem. Temos, contudo, um material que é pouco comum: uma tradução em prosa e outra em verso, a primeira mais literal, como seria de esperar, e a outra mais livre. Ou, para retomar uma expressão de longa tradição, uma tradução mais *ad verbum* e outra mais *ad sensum* — expressões que designam dois modelos tradutórios que foram discutidos durante muito tempo (e que ainda hoje não estão totalmente ultrapassados), inclusive no período neoclássico em que viveu Cláudio (cf. Gaspar 2020, pp. 103-117).

⁷ Todas as citações da égloga de Pope são feitas a partir da edição de 1903 mencionada na bibliografia.

O Messias
Egloga Sagrada, Escripção
por
Alexandre Pope, e traducida do Original
Inglês.

S'è entre vós, o Nymphas de Solyma,
De assumpto Celestial Sagrada Uilina,
Iqual do grande objecto á mugestade
Seja do novo Cantilo a suavidade.
Louge das uersas meus de Appollo os montes,
Et Apriós bosques, e as musagoras fontes,
Não me decraio já de Aethiopia as Filhas
Nem do Pindo as florhadas maravilhas.
Ni que tãcaste de hum acharma ardente.
A lingua do Profeta balbuciente,
Vigór mais alto a minha voz inspira,
E torna digna de leus sons a Lira.
As futuras idades transportado
Abri'm começa o Oraculo sagrado
Ha de hum a Virgem conceber a Terra
Vira o fructo que seu ventre encerra

Fig. 1. Primeira
 página da
 tradução em verso
 Fonte: BNP. Cód.
 11438

82

Chuma porpelia Luz, hum mar de gloria
Tira das tuas Torres a uitoria.
A Luz, a mesma Luz de ti se fia,
Espera o teu Deus o eterno dia.
Mares, e leos Livin de tornar se em nada,
Das Rochas aduereca em ar voltada,
Os montes ruin, os montes abatidos,
Firmes do tempo sobre os vaons Quidos
Suos Testemunhos viviraõ brilhantes;
Eo poder, e a palavra triumphantes
Do teu Messias no feliz governo,
Ha de o teu Reino subsistir Eterno.

C. M. Sal. C.

Fig. 2. Página final
 da tradução, com a
 indicação de autoria
 Fonte: BNP. Cód.
 11438

Numa rápida análise à versão em prosa⁸, deve dizer-se que ela é, em geral, bastante fiel ao original, isto é, ao sentido literal do original, embora apresente alguns lapsos e empobreça o valor expressivo de certas expressões. Veja-se, por exemplo, o v. 25: «See lofty Lebanon his head advance». Na versão em prosa, temos «Vejo o Líbano levantar ao alto a sua cabeça», o que, não sendo propriamente errado, é pelo menos redundante e pobre. O problema é depois corrigido na segunda versão: «Vejo o Líbano ao alto erguer a testa» (v. 45). Noutros casos, a falha resulta de uma tradução demasiado literal, como é o caso de «homage pay» (v. 35), traduzido, em prosa, por «pagai a homenagem». Exemplo um pouco diferente é o do v. 49: «As the good Shepherd tends his fleecy care», em que se perde a expressividade de «fleecy care»: «Assim como o bom Pastor põe todo o cuidado no seu rebanho». Algo de semelhante acontece com o v. 100: «Nor ev'ning Cynthia fill her silver horn», que passa, no texto em prosa, a «nem a lua de noite encherá as suas prateadas pontas», com uma clara perda de expressividade resultante da anulação da antonomásia e da introdução do eufemismo. Já a tradução versificada, mantendo embora o eufemismo, recupera a força poética do original: «Nem variando a face brilhadora / As pontas juntará jamais a Lua.» (vv. 162-3).

Há também casos de opções discutíveis, como acontece de resto em todos os trabalhos deste tipo. Um exemplo é a tradução de «bard» (vv. 7 e 37) por «Profeta», de «spicy clouds» (v. 28) por «espessas nuvens», ou ainda de «noisome weed» (v. 76) por «ervas nocivas», num contexto em que se contrastam odores e em que, portanto, faria mais sentido «fétidas» ou palavra similar. Ocorrência semelhante é a do v. 22, em que «spring to light» é vertido como «saí à luz», assim se perdendo a graciosidade que havia em «saltar». Há também casos em que o tradutor desloca o adjetivo, assim modificando o original. Veja-se o caso dos vv. 5-6: «(...) O Thou my voice inspire / Who touch'd Isaiah's hallow'd lips with fire!», traduzidos em prosa por «Ó vós que tocastes com santo fogo a boca de Isaías, inspirai a minha voz». Ocorrências de tipo diferente são aquelas em que o tradutor opta por omitir uma palavra: é o que acontece com uma forma de imperativo como «Hark!» (v. 29) ou uma interjeição como «Lo» (v. 33), assim se perdendo em ambos os casos algum do dinamismo dos versos originais.

Por fim, temos ainda alguns lapsos. O v. 84, «And with their forky tongue shall innocently play» é traduzido como «brincarà com a sua farpada língua e quebrado ferrão», o que suscita pelo menos duas observações. Por um lado, «forky» não é propriamente «farpada», mas antes «bifurcada, em forma de garfo, bífida»; por outro, não se justifica a transformação de «innocently» em «quebrado ferrão». Mais claro ainda é o que se verifica no v. 94: «And heap'd with products of Sabæan springs», cujo último sintagma é traduzido como «da primavera de Sabá», em vez de «das nascentes (ou correntes) de Sabá».

⁸ Que vem acompanhada de um conjunto de 25 notas com passagens do Livro de Isaías e de mais uma nota com o fragmento de um verso da égloga de Vergílio.

Concluída esta breve análise da tradução em prosa, passemos agora à versão versificada, começando por duas observações prévias. Em primeiro lugar, e como seria de esperar, ela é condicionada pela tradução em prosa que lhe serve de ponto de partida, sendo assim afetada por algumas das suas opções e falhas (ainda que estas sejam parcialmente contornadas, como veremos). Por outro lado, importa dizer que se trata de um texto que alarga de modo considerável o original: o poema de Pope tem 108 versos (quando a égloga de Vergílio, uma das suas fontes, é formada por apenas 63), ao passo que a tradução versificada de Cláudio Manuel da Costa apresenta 178. É certo que estas discrepâncias poderão, pelo menos em parte, ser explicadas pela natureza das línguas: é sabido que o latim é uma língua mais concisa que o inglês e que este último tende a ser mais sucinto que o português. De qualquer modo, não podemos deixar de reconhecer que o acréscimo de 70 versos por parte do poeta brasileiro revela de imediato que não estamos perante uma tradução mais ou menos *servil*, mas perante uma espécie de recriação, com alguma dose de intervenção pessoal, numa aplicação à tradução dos preceitos da poética clássica relativos à imitação.

Passando agora à análise da proposta de Cláudio, notemos antes de mais que ela respeita o modelo versificatório escolhido por Alexander Pope, o chamado *heroic couplet* (dístico heroico). Trata-se de um poema assente em dísticos rimados, idealmente com uma identidade morfossintática e semântica, correspondendo cada verso a um pentâmetro iâmbico, isto é, a um conjunto de cinco iambos (não no sentido latino de alternância entre sílabas breves e longas, mas no sentido de sucessão de sílabas átonas e tónicas). Tendo sido introduzida por Chaucer, a forma tem uma longa tradição na literatura inglesa, sendo considerados como seus melhores representantes John Dryden, no século XVII, e Pope, na centúria seguinte. Na tradução em verso de *Messiah*, Cláudio Manuel da Costa recorre ao dístico rimado, embora nem sempre os pares de versos constituam uma unidade, como se pode ver na seguinte passagem (vv. 17-24):

*Da raiz de Jessé lá vem brotando
O ramo que do Tronco uma Flor dando
De fragâncias inunda o Firmamento.
Que brando, que agradável movimento
Do Génio Criador nas folhas sinto!
Já sobre o cume seu alto e distinto
A misteriosa Pomba descer vejo!
Propícios Céus, enchei o meu desejo;*

Quanto à métrica, mantém-se o decassílabo, mas este é maioritariamente de tipo heroico (isto é, com acentos fortes na 6.^a e 10.^a sílabas), como é habitual na literatura de

língua portuguesa. Há, contudo, 42 versos de tipo sáfico⁹ (com acentuação predominante na 4.^a, 8.^a e 10.^a sílabas), dois que podem ser lidos de ambos os modos (vv. 7 e 64) e pelo menos dois outros que são pentâmetros iâmbicos, forma que é rara na versificação em português:

Vi/gor/ mais/ al/to a/ mi/nha/ voz/ ins/pi/ra (v. 11)

De/ mil/ Pa/lá/cios/ ve/jo a/ pom/pa er/gui/da! (v. 101)

Relativamente à tradução propriamente dita, as questões são semelhantes às que foram observadas na versão em prosa. Por um lado, como seria de esperar atendendo ao aumento global do número de versos, são frequentes os casos de acréscimo. Sirva de exemplo o dístico de abertura:

*Ye Nymphs of Solyma! begin the song:
To heav'nly themes sublimer strains belong.*

Na tradução de Cláudio, para além da passagem de «song» a «sagrada rima», é introduzido mais um dístico:

*Soe entre vós, ó Ninfas de Solima,
De assunto celestial sagrada rima;
Igual do grande objeto à majestade,
Seja do novo canto a suavidade.*

Algo de semelhante acontece com os vv. 5-6:

*(...) O Thou my voice inspire
Who touch'd Isaiah's hallow'd lips with fire!*

Cada um dos versos de Pope dá origem a um verso adicional, sendo também invertida a sua ordem (vv. 9-12):

*Sei que tocaste de uma chama ardente
A língua do Profeta balbuciente;
Vigor mais alto a minha voz inspira
E torna digna de teus sons a lira.*

⁹ Vv. 5, 6, 12, 15, 16, 28-30, 32, 48, 51, 54, 57, 62, 84, 94, 95, 97, 99, 102, 103, 105, 114, 116, 117, 120, 121, 126, 129, 138, 139, 141, 144, 154-156, 161, 171, 174, 175, 177 e 178.

Outro caso interessante é o dos vv. 73-74:

*Waste sandy valleys, once perplex'd with thorn,
The spiry fir and shapely box adorn;*

Na tradução de Cláudio, esse dístico passa a corresponder a cinco versos, com a particularidade de «shapely» ser vertido na curiosa forma «dedáleo» (vv. 118-122):

*Em vós, inúteis vales, estou vendo
Em vez da estéril mata dos espinhos
Surgir o tronco dos frondosos pinhos.
Já desde a nua, desprezada areia
Dedáleo buxo os ramos seus meneia;*

Em alguns casos, um simples nome é transformado num verso inteiro. É o que ocorre no v. 67 com «swain»: na versão em prosa, tinha passado a «Paisano», mas na tradução versificada dá origem a «O Habitador dos montes e da selva» (v. 110). Outros casos merecem relevo particular pela sua criatividade. Tal é o caso de «smiling» (v. 81), que passa a «cheia a boca / De riso» (vv. 134-5). Curiosa é também a transformação de «of Sabæan» (v. 94) em «Sábica» (v. 155).

Por último, vale a pena sublinhar que algumas soluções menos felizes da versão em prosa são corrigidas na tradução versificada. Veja-se o caso do v. 17: «All crimes shall cease, and ancient fraud shall fail», traduzido em prosa por «todos os crimes hão de cessar e o antigo engano ficará sem efeito». Na proposta final, o poeta consegue encontrar um resultado bem mais interessante para «shall fail»: «Os feros crimes e o engano antigo / Aos míseros mortais não farão dano» (vv. 32-3).

Muitas outras observações de pormenor poderiam ser feitas, mas creio que o mais importante é dar a conhecer o texto inédito atribuído a Cláudio Manuel da Costa, que virá transcrito de acordo com o modelo que tenho vindo a seguir para a edição de textos do mesmo período¹⁰. Será este um primeiro passo no processo de dar a conhecer e de promover o estudo das traduções efetuadas pelo poeta mineiro, as quais representam um elemento importante tanto para a avaliação do próprio Cláudio quanto da receção dos autores em causa. No caso de Pope, há por certo muito ainda por estudar no que diz respeito às marcas da sua obra nas literaturas de língua portuguesa. Para além dos sinais difusos que podem ser captados na poética de muitos autores de Setecentos, não podemos esquecer a influência dos seus poemas herói-cômicos (*The Rape of the*

¹⁰ Cf., por exemplo, Topa 2014, pp. 24-28. As citações bíblicas em latim foram confrontadas com uma versão atual da Vulgata, sendo corrigidos ligeiros lapsos, que vão devidamente assinalados. Em nota, apresento a versão em português.

Lock e The Dunciad) sobre poetas portugueses e brasileiros (como Cruz e Silva, Silva Alvarenga e Francisco de Melo Franco) ou o facto de o primeiro livro de poemas publicado em Angola (*Espontaneidades da minha alma*, de Maia Ferreira, datado de 1849), abrir o prefácio com uma epígrafe retirada de *An Essay on Criticism*. Mas isso será matéria para outros trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- AMES, Clifford R., 1988. False Advertising: The Influence of Virgil and Isaiah on Pope's Messiah. *Studies in English Literature, 1500-1900*. 28(3): *Restoration and Eighteenth Century*, Summer, 401-426.
- ANJOS, Carlos Versiani dos, org. 2019. *O Velho Cláudio: inéditos da maturidade de Cláudio Manuel da Costa*. Ouro Preto: Editora Liberdade.
- ARRUDA, Roberto, 2011. Bucólica IV de Virgílio: a identidade do puer. *Calíope*. 22, 98-108.
- BÍBLIA sagrada para o terceiro milénio da encarnação*. 4.ª ed. Coordenação geral de Herculano ALVES. Lisboa: Difusora Bíblica; Fátima: Franciscanos Capuchinhos, 2003.
- BIBLIA Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam*. 11.ª ed. Nova editiologicis partitionibus aliisque subsidis ornata a Alberto Colunga, O.P. et Laurentio TURRADO. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- GASPAR, Gabriel de Abreu Machado, 2020. “*Em inglês brilhaste, em português agora brilhas*”: tradução e circulação das obras de Alexander Pope no mundo luso-brasileiro (1769-1819). Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.
- HERRMANN, Léon, 1952. *Les masques et les visages dans les Bucoliques de Virgile*. Paris: P.U.F.
- MACK, Maynard, 1988. *Alexander Pope: A Life*. New Haven: Yale University Press.
- POPE, Alexander, 1903. *The Complete Poetical Works*. Edited by H. W. BOYNTON. Boston; New York: Houghton Mifflin Co.
- SILVA, Jorge Bastos da, 2000. Milton e Pope em Portugal (Séculos XVIII e XIX): as traduções de F. B. M. Targini e o contexto da crítica. *Cadernos de Tradução* 1(V), 109-132.
- TOPA, Francisco, 2014. “*Qual é a cousa no mundo mais amada?*” Responde o Doutor João Mendes da Silva, pai de o “Judeu”. Introdução e edição por Francisco TOPA. Porto: Sombra pela cintura.
- VERGÍLIO, 1982. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de SAINT-DENIS. Paris: Les Belles Lettres.

ÉGLOGA SAGRADA

Escrita por Alexandre Pope e traduzida do original Inglês

Vós, Ninfas de Solima, começai o canto, e aos assuntos celestiais se devem os mais sublimes tons; as musgosas fontes, as sombras dos bosques, os sonhos do Pindo e as filhas de Aónia não mais me recreiam. Ó vós que tocastes com santo fogo a boca de Isaías, inspirai a minha voz.

Arrebatado aos futuros tempos, o Profeta começou: “Uma Virgem conceberá, uma Virgem parirá; da raiz de Jessé lá um ramo se levanta, cuja sagrada flor enche de fragância o Firmamento[”].

Os Espíritos etéreos sobre as suas folhas se hão de mover, e a mística Pomba descerá sobre o seu cume. Vós, ó Céus, do alto derramai o orvalhoso néctar, e no brando silêncio espalhai o abundante chuva; a saudável planta assistirá ao fraco e ao enfermo, como abrigo nas tormentas e sombra no calor; todos os crimes hão de cessar e o antigo engano ficará sem efeito; a Justiça voltando, levantará ao alto a sua balança; a paz sobre o mundo estenderá o seu ramo de oliveira e a cândida Inocência descerá dos Céus.

Ligeiros corram os anos e chegue o esperado dia; saí à luz, feliz Menino, nasci; eu vejo a natureza que se apressa a oferecer-vos as suas mais frescas capelas com todo o incenso da exalante primavera; vejo o Líbano levantar ao alto a sua cabeça e as florestas dançarem sobre os montes reclinadas; vejo elevarem-se espessas nuvens do humilde Sarán e o cume do florescente Carmelo encher de perfumes o Firmamento; eu ouço uma alegre voz que enche de prazer o solitário deserto. Preparai o caminho; um Deus, um Deus aparece; um Deus, um Deus os sonoros montes repetiam e os rochedos aclamaram a nova Divindade; já a terra a recebe dos curvados Céus; montes, abaixai-vos; vales, levantai-vos; vós, cedros com as cabeças levantadas, pagai a homenagem; aplanai-vos, ásperos rochedos; e vós, rápidas ondas, franqueai o caminho; chegou o Salvador anunciado pelos antigos Profetas; surdos, ouvi-o; cegos, vede-o; ele há de purificar o raio visual das espessas túnicas e derramar o dia sobre as cegas Pupilas; é ele quem há de desembaraçar os obstruídos ductos do som e ordenar que uma nova música recreie vossos ouvidos; cantará o mudo e o aleijado, abandonando as suas muletas, saltará alegre semelhante ao ligeiro cabrito.

Nem queixas nem suspiros ouvirá o vasto mundo; ele há de enxugar as lágrimas das faces humanas.

Em diamantinas cadeias a morte será ligada e o severo Tirano do Inferno sentirá a eterna ferida. Assim como o bom Pastor põe todo o cuidado no seu rebanho, procura o mais fresco pasto e o ar mais puro; busca a ovelha perdida, dirige a dispersa, conduzindo-a de dia e protegendo-a de noite; levanta em seus braços os tenros cordeirinhos, da sua

mão recebem o alimento e no seu regaço os aqueça; assim o prometido Pai das futuras idades terá todo o cuidado na guarda do género humano.

Nenhuma Nação se levantará mais contra a outra; os ardentes guerreiros não se hão de encontrar com odiosos olhos nem os campos ficarão cobertos de brilhantes armas; os clarins de bronze não mais acentuarão a raiva; porém as lanças inúteis se converterão em foices e as largas Espadas em ferros de arados; Palácios então serão levantados e o filho alegre acabará o que seu Pai na sua curta vida havia começado; as suas vinhas hão de dar uma sombra a sua geração e a mesma mão que semeou colherá os campos; o Paisano em estéreis desertos verá com admiração nascerem lírios e surgir pronta a relva; assustando-se de ouvir entre seus países novas correntes de águas, murmurando aos seus ouvidos; sobre despedaçados penedos, última habitação de Dragões, tremerão as verdes canas e se moverá o frágil junco; inúteis e arenosos Vales, embaraçados de espinhos em outro tempo, adornará o piramidal Pinheiro e o proporcionado Buxo; as florescentes Palmas hão de suceder aos arbustos menos frondosos e a cheirosa Murta às ervas nocivas; as Ovelhas com os Lobos apascentarão o verde prado e os rapazes hão de guiar os Tigres em florescentes bandos; o Bezorro e o Leão se hão de encontrar no mesmo presépio e as inocentes víboras lambendo os pés do Peregrino; o menino sorrindo tomará nas suas mãos o cristado Basilisco e a pintada Cobra, e alegrando-se de ver o verde lustre das escamas, brincará com a sua farpada língua e quebrado ferrão.

Levanta-te, imperial Jerusalém, levanta-te coroada de luzes; exalta a tua elevada cabeça; ergue os teus olhos, vê uma longa geração adornar teus espaçosos adros, vê de toda a parte levantarem-se em cerradas fileiras os filhos e as filhas ainda não nascidas, pedindo a vida impacientes pela glória celestial; vê bárbaras Nações esperarem às tuas portas, para gozar da tua luz e ajoelharem ao teu Templo; vê os teus brilhantes altares oprimidos com os prostrados Reis e enrequecidos com as produções da primavera de Sabá; para ti as florestas do Idomeu exalam os aromas e as sementes do oiro se abrasam nos montes de Ofir; vê o espaçoso Céu descobrindo as suas brilhantes portas e rompendo sobre ti em um dilúvio de luzes; não mais o sol nascendo doirá a manhã nem a lua de noite encherá as suas prateadas pontas, mas enfim dissolvidos em teus superiores raios, um mar de glória, uma manifesta luz inundará teus pátios; a mesma luz há de brilhar descoberta e o teu Deus será o eterno dia; os mares serão dissipados e os Céus desfeitos em fumo; os rochedos se reduzirão a pó e os montes serão abatidos; porém firme há de permanecer a sua palavra e o seu sábio poder; subsistirá o seu Reino eternamente e o teu mesmo Messias reinará.

LUGARES DE ISAÍAS QUE VÊM TOCADOS NESTA ÉGLOGA

1. Cap. 11. v.º 1. Et egredietur virga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet¹.
2. Cap. 45. v. 8. Rorate, caeli, desuper, et nubes pluant iustum; aperiat terra, et germinet Salvatorem².
3. Cap. 25. v. 4. Quia factus est fortitudo pauperi, fortitudo egeno in tribulatione sua, spes a turbine, umbraculum ab aestu³.
4. Cap. 9. v. 7. Multiplicabitur eius imperium, et pacis non erit finis; super solium David, et super regnum eius sedebit, ut confirmet illud et corroboret in iudicio et iustitia[, amodo et usque in] sempiternum^{4 5}.
5. Isaías Cap. 35. v. 2. Germinans germinabit, et exultabit laetabunda, et laudans: gloria Libani data est ei, decor Carmelli et Saron; ipsi videbunt gloriam Domini, et decorem Dei nostri⁶.
6. Cap. 40. v. 3. 4. Vox clamantis in deserto: parate viam Domini, rectas facite in solitudine semitas Dei nostri. Omnis vallis exaltabitur, et omnis mons et collis humiliabitur; et erunt prava in directa, et aspera in vias planas⁷.
7. Cap. 42. v. 18. Surdi audite; et caeci, intuemini ad videndum⁸.
8. Cap. 35. v. 5. 6. Tunc aperientur oculi caecorum. Et aures surdorum patebunt. Tunc saliet sicut cervus claudus, et aperta erit lingua mutorum⁹.
9. Cap. 25. v. 7 e 8. Et praecipitabit in monte isto faciem vinculi colligati super omnes populos (...) Praecipitabit mortem in sempiternum; et auferet Dominus Deus lacrymam ab omni facie¹⁰.
10. Cap. 40. v. 11. Sicut pastor gregem suum pascet; in brachio suo congregabit agnos, et in sinu suo levabit; foetas ipse portabit¹¹.

¹ Brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes.

² Destilai, ó céus, lá das alturas o orvalho, e que as nuvens façam chover a justiça. Abra-se a terra para que floresça a salvação.

³ Porque foste o refúgio do fraco, o refúgio do pobre na sua tribulação, amparo contra a tempestade e sombra contra o calor.

⁴ No original: *eternum*.

⁵ Dilatará o seu domínio com uma paz sem limites, sobre o trono de David e sobre o seu reino. Ele o estabelecerá e consolidará com o direito e com a justiça, desde agora e para sempre (Is. 10: 6).

⁶ Vai cobrir-se de flores e transbordar de júbilo e de alegria. Tem a glória do Líbano, a formosura do monte Carmelo e da planície do Saron. Verão a glória do Senhor, e o esplendor do nosso Deus.

⁷ Uma voz grita: «Preparai no deserto o caminho do Senhor, aplanai na estepe uma estrada para o nosso Deus. Todo o vale seja levantado, e todas as colinas e montanhas sejam abaixadas, todos os cumes sejam aplanados, e todos os terrenos escarpados sejam nivelados!».

⁸ Surdos, ouvi! Cegos, olhai e vede!

⁹ Então se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo ficarão a ouvir, o coxo saltará como um veado, e a língua do mudo dará gritos de alegria.

¹⁰ Neste monte, Ele arrancará o véu de luto que cobre todos os povos (...) Aniquilará a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces.

¹¹ E como um pastor que apascenta o rebanho, reúne-o com o cajado na mão, leva os cordeiros ao colo, e faz repousar as ovelhas que têm crias.

11. Cap. 9. v. 6. *Parvulus enim natus est nobis, et filius datus est nobis; et factus est principatus super humerum eius; et vocabitur nomen eius: Admirabilis, Consiliarius, Deus, [Fortis,] Pater futuri saeculi, Princeps pacis*¹².
12. Cap. 2¹³. v. 4. *Et iudicabit gentes, et arguet populos [multos]; et conflabunt gladios suos in vomeres, et lanceas suas in falces. Non levabit gens contra gentem gladium, nec exercebuntur ultra ad praelium*¹⁴.
13. Cap. 65. v. 20, 21, 22, 23. *Non erit ibi amplius infans dierum, et senex qui non impleat dies suos, quoniam puer centum annorum morietur, et peccator centum annorum maledictus erit. Et aedificabunt domos, et habitabunt; et plantabunt vineas, et comedent fructus earum. Non aedificabunt, et alius habitabit; non plantabunt, et alius comedit: secundum enim dies ligni erunt dies populi mei, et opera manuum eorum inveterabunt. Electi mei non laborabunt frustra, neque generabunt in conturbatione, quia semen benedictorum Domini est, et nepotes eorum cum eis*¹⁵.
14. Cap. 35, v. 1, 6, 7. *Laetabitur deserta et invia, et exultabit solitudo, et florebit quasi liliium. (...) Quia scissae sunt in deserto aquae, et torrentes in solitudine. Et quae erat arida, erit in stagnum, et sitiens in fontes aquarum. In cubilibus, in quibus prius dracones habitabant, orietur viror calami et iunci*¹⁶.
15. Cap. 41, v. 18 e 19. *Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes, ponam desertum in stagna aquarum, et terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, et lignum olivae; ponam in deserto abietem, ulmum, et buxum simul*¹⁷;
et Cap. 55, v. 13. *Pro saliuca ascendet abies, et pro urtica crescet myrtus*¹⁸.

¹² Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro-Admirável, Deus herói, Pai-Eterno, Príncipe de Paz (Is. 9: 5).

¹³ No original: 11.

¹⁴ Ele julgará as nações, e dará as suas leis a muitos povos, os quais transformarão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças, em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se adestrarão mais para a guerra.

¹⁵ Não haverá ali criança que morra de tenra idade, nem adulto que não chegue à velhice, pois será ainda novo aquele que morrer aos cem anos, e quem não chegar aos cem anos será como um amaldiçoado. Construirão casas e habitarão nelas, plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão casas para os outros habitarem, nem plantarão vinhas para os outros vindimarem. Os anos do meu povo serão como os de uma árvore, e os meus eleitos usufruirão do trabalho das suas mãos. Não trabalharão mais em vão, nem hão de gerar filhos para uma morte repentina, porque serão a geração abençoada do Senhor, eles e os seus descendentes.

¹⁶ O deserto e a terra árida vão alegrar-se, a estepe exultará e dará flores belas como narcisos. (...) A terra queimada mudar-se-á em lago, e as fontes brotarão da terra seca. Nos covis onde repousavam os chacais, crescerão canas e juncos (Is. 35: 1, 8).

¹⁷ Farei brotar rios nos montes escavados e fontes do fundo dos vales. Transformarei o deserto num reservatório e a terra árida em arroios de água. Plantarei no deserto cedros e acácias, murtas e oliveiras. Farei crescer na terra seca o cipreste, ao lado do ulmeiro e do buxo.

¹⁸ Em vez das silvas, crescerão os ciprestes, em vez das urtigas, crescerá a murta.

16. Cap. 11, v. 6, 7, 8. Habitabit lupus cum agno, et pardus cum haedo accubabit; vitulus, et leo, et ovis, simul morabuntur, et puer parvulus minabit eos. Vitulus et ursus pascentur, simul requiescent catuli eorum; et leo quasi bos comedet paleas. Et delectabitur infans ab ubere super foramine aspidis; et in caverna reguli, qui ablactatus fuerit manum suam mittet¹⁹.
17. Cap. 65, v. 25. Lupus et agnus pascentur simul, leo et bos comedent paleas, et serpenti pulvis panis eius. Non nocebunt, neque occident in omni monte sancto meo, dicit Dominus²⁰.
18. Cap. 60, v. 1. Surge, illuminare, Ierusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est²¹.
19. Cap. 60, v. 4, 5. Leva in circuitu oculos tuos, et vide: omnes isti congregati sunt, venerunt tibi; filii tui de longe venient et filiae tuae de latere surgent. Tunc videbis, et afflues, mirabitur et dilatabitur cor tuum, quando conversa fuerit ad te multitudo maris, fortitudo gentium venerit tibi²².
20. Cap. 60, v. 3. Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui²³.
21. Cap. 60, v. 6, 10, 14. Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Ephá; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes. (...) Et aedificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi (...) Et venient ad te curvi filii eorum qui humiliaverunt te, et adorabunt vestigia pedum tuorum omnes qui detrahebant tibi, et vocabunt te civitatem Domini²⁴.
22. Cap. 30²⁵, v. 26. Et erit lux lunae sicut lux solis, et lux solis erit septempliciter sicut lux septem dierum²⁶.
23. Cap. 60, v. 19 e 20. Non erit tibi amplius sol ad lucendum per diem, nec splendor lunae illuminabit te; sed erit tibi Dominus in lucem sempiternam, et Deus tuus in

¹⁹ Então o leão habitará com o cordeiro, e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o novilho e o leão comerão juntos, e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso, e as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha como o boi. A criancinha brincará na toca da víbora e o menino desmamado meterá a mão na toca da serpente.

²⁰ O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão e o boi comerão palha, e a serpente comerá terra. Não haverá mais o mal nem a destruição em todo o meu santo monte. — Oráculo do Senhor.

²¹ Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!

²² Levanta os olhos e vê à tua volta: todos esses se reuniram para vir ao teu encontro. Os teus filhos chegam de longe, e as tuas filhas são transportadas nos braços. Quando vires isto, ficarás radiante de alegria; o teu coração palpitará e se dilatará, porque para ti afluirão as riquezas do mar, e a ti virão os tesouros das nações.

²³ As nações caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor da tua aurora.

²⁴ Serás invadida por uma multidão de camelos, pelos dromedários de Madian e de Efá. De Sabá virão todos trazendo ouro e incenso, e proclamando os louvores do Senhor. Os estrangeiros reconstruirão as tuas muralhas, e os seus reis te servirão. (...). Os filhos dos teus opressores virão a ti humilhados, todos os que te desprezaram prostrar-se-ão a teus pés. Chamar-te-ão: «Cidade do Senhor».

²⁵ No original: 29.

²⁶ A Lua refulgirá como um Sol, e o Sol brilhará sete vezes mais.

gloriam tuam. Non occidet ultra sol tuus, et luna tua non minuetur, quia erit tibi Dominus in lucem sempiternam, et complebuntur dies luctus tui²⁷.

24. Cap. 51, v. 6. Levate in caelum oculos vestros, et videte sub terra deorsum, quia caeli sicut fumus liquescent, et terra sicut vestimentum atteretur, et habitatores eius sicut haec interibunt, salus autem mea in sempiternum erit, et iustitia mea non deficiet²⁸.
25. Cap. 54, v. 10. Montes enim commovebuntur, et colles contremiscent, misericordia autem mea non recedet a te, et foedus pacis meae non movebitur²⁹.

Virg. Ecl. 4, v. 10. (...) tuus iam regnat Apollo³⁰.

²⁷ Já não será o Sol que te iluminará durante o dia, nem a Lua durante a noite. O Senhor será a tua luz eterna, o teu Deus será o teu esplendor. Não se porá mais o teu Sol, e a tua Lua jamais se esconderá, porque o Senhor será a tua luz eterna e terão fim os dias do teu luto.

²⁸ Levantai os olhos ao céu, e observai lá em baixo, a terra: o céu passa como o fumo, e a terra gasta-se como um vestido. Os seus habitantes morrem como moscas, mas a minha salvação subsistirá sempre, e a minha justiça não terá fim.

²⁹ Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará.

³⁰ já reina o teu Apolo.

O MESSIAS

Égloga Sagrada, Escrita por Alexandre Pope e traduzida do original Inglês

Soe entre vós, ó Ninfas de Solima,
De assunto celestial sagrada rima;
Igual do grande objeto à majestade,
Seja do novo canto a suavidade.

- 5 Longe dos versos meus de Apolo os montes,
Os frios bosques e as musgosas fontes;
Não me recreiam já de Aónia as Filhas
Nem do Pindo as sonhadas maravilhas.

- Sei que tocaste de uma chama ardente
10 A língua do Profeta balbuciente;
Vigor mais alto a minha voz inspira
E torna digna de teus sons a lira.

- Às futuras idades transportado
Assim começa o Oráculo sagrado:
15 Há de uma Virgem conceber; a Terra
Verá o fruto que seu ventre encerra.

- Da raiz de Jessé lá vem brotando
O ramo que do Tronco uma Flor dando
De fragâncias inunda o Firmamento.
20 Que brando, que agradável movimento
Do Génio Criador nas folhas sinto!
Já sobre o cume seu alto e distinto
A misteriosa Pomba descer vejo!
Propícios Céus, enchei o meu desejo;
25 O néctar orvalhoso de vós caia
E entre a luz da esperança que em nós raia,
O abundante chuva se derrame.

Não mais o enfermo pela cura clame,
Não gema o fraco, que a saudável Planta

- 30 As tristes fúrias boreais quebranta,
 E no calor do sol serve de abrigo[.]
 Os feros crimes e o engano antigo
 Aos míseros mortais não farão dano;
 Há de voltar do Trono soberano
- 35 A Justiça, nas mãos ao alto erguida
 Sustentando a balança; a Paz descida
 Estenderá seu ramo de oliveira;
 A cândida Inocência é companheira.
- Correi, anos ligeiros; chegue o dia[;]
- 40 Saí à luz, enchei-nos de alegria,
 Feliz Menino; eu vejo a natureza
 Que corre a destinguir vossa grandeza;
 Ela as frescas grinaldas vos vem dando,
 Da Primavera incensos exalando.
- 45 Vejo o Líbano ao alto erguer a testa
 E ondear sobre os montes a floresta;
 Sobem desde Sarão nuvens de incenso;
 De seus aromas o tesoiro imenso
 Florescente o Carmelo manda aos ares;
- 50 Eu ouço de Idumeia nos palmares
 A alegre voz que ao solitário grita:
 Preparai o caminho, ó gente aflita;
 Um Deus, um Deus se vê; nos horizontes
 Um Deus, um Deus, desde os canoros montes
- 55 Soar se ouviu! Das penhas escutada
 A nova Divindade é aclamada.
- Dos Céus curvados a recebe a Terra.
 Ergue-te, ó vale; abate a frente, ó serra.
 Vinde render-lhe, cedros, a homenagem;
- 60 Aplacai-vos, rochedos, dai passagem;
 E vós, rápidas ondas, o caminho
 Franco tornai ao Salvador vizinho;
 Dos antigos Profetas anunciado
 O prometido ao mundo é já chegado.

- 65 Ouvi, surdos; e vós, ó cegos, vede.
Das túnicas espessas ele a rede
Aos raios visuais desembaraça;
Ele aos olhos dessipa a sombra crassa;
Ele os ductos do som que acha obstruídos
70 Purga, e de um novo canto enche os ouvidos.

O mudo há de cantar, e abandonando
As muletas o cocho, irá saltando,
Semelhante ao cabrito que ligeiro
Os vales atravessa e rompe o oiteiro.

- 75 Nem queixas nem mais dor, ó mundo, escutas.
As lágrimas humanas vejo enxutas;
De Diamante já presa às³¹ cadeias
Teu soberbo poder, ó morte, enfreias;
De um eterno flagelo instando a chaga
80 O Tirano Infernal seus crimes paga.

- Qual amante Pastor que o seu cuidado
Põe no rebanho, elege desvelado
O ar mais puro, o campo que é mais verde;
Que busca a ovelha que nos montes perde;
85 Dirige a que trasmalha; noite e dia
A conduz, a protege, que só fia
De seus braços os tenros cordeirinhos;
Dá-lhes de própria mão os sucozinhos
E no regaço seu brando os aquece;
90 Tal o bom Pai que aos homens aparece
Uma igual providência, igual ternura,
Por seus amados Filhos nos segura.

Não mais entre as nações ardendo a guerra,
Bárbara Alecto, assolharás a Terra;

³¹ às no original, forma que a análise sintática e métrica mostra ser equivocada, razão pela qual fiz a emenda.

- 95 Calcado o campo de Esquadrões funestos,
 Mais o não cobrirão brilhantes restos
 De rotas armas; os clarins feridos
 Não encherão de horror mais os ouvidos;
 Lanças em foices se verão tornadas;
 100 Hão de servir de arados as Espadas.

- De mil Palácios vejo a pompa erguida!
 Alegre o filho, o que na curta vida
 O Pai começa, terminar consegue.
 À longa geração que se lhe segue
 105 As suas vinhas darão sombra; avara
 À mesma mão que os campos semeara
 A Terra não será rendendo o fruto.
 No Terreno mais áspero e mais bruto
 Verá brotar o lírio, erguer-se a relva,
 110 O Habitador dos montes e da selva.
 Entre os seus países espantado
 O murmúrio ouvirá, em vão pensado[,]
 Das torrentes que o chão de novo abriga;
 Sobre penedos onde apenas gira
 115 De famintos Dragões o rasto imundo
 O mole junco pulará fecundo
 E as débeis canas tremerão nascendo.

- Em vós, inúteis vales, estou vendo
 Em vez da estéril mata dos espinhos
 120 Surgir o tronco dos frondosos pinhos.
 Já desde a nua, desprezada areia
 Dedáleo buxo os ramos seus meneia;
 De vencedora sombra o chão cobrindo
 Aos arbustos as Palmas vão suprimindo;
 125 E a murta, que o seu cheiro ao ar envia,
 Sucede à erva que o veneno cria.

Irá pastando o Lobo entre os Cordeiros;
 Em mil bandos à vista lisonjeiros
 Festivos moços com listões de flores

- 130 Hão de guiar aos Tigres matadores;
Em um mesmo redil, nos mesmos prados
Serão do seu Pastor acompanhados
O manso Toiro e o Leão ferino.
As Víboras os pés do Peregrino
135 Lamberão inocentes; cheia a boca
De riso, eis que o menino a pele toca
Da marchetada cobra; e namorado
Da verde escama do Dragão cristado
Lhe brinca alegre com a língua, e nota
140 O quebrado ferrão e a farpa rota.

- Ergue a cabeça, Imperial Solima,
De brilhadora Luz a testa anima;
Volta os olhos e vê teus átrios cheios
De uma bem longa geração que os seios
145 Abrem já das idades; vê por tudo
Qual de glória celeste ansioso estudo
Filhos e Filhas inda não nascidos
Impacientes arrasta! Vê detidos
Os bárbaros que às tuas portas batem,
150 E pedem que seus erros se desatem
Por bem da tua Luz, que se ajoelham
Ao teu Templo que os votos te aparelham!
Vê os prostrados Reis, que a teus altares
Vítimas trazem dos distantes Lares
155 Onde a Sábia produção respira!
É para ti que do Idomeu se tira
O precioso aroma; a ti somente
Deve o torrado Ofir de oiro a semente.
Aberta a porta, o Céu se te descobre;
160 De um chuvaireiro de Luz te alegre e cobre;
Jamais o dia há de incarnar a aurora;
Nem variando a face brilhadora
As pontas juntará jamais a Lua.
Dissolvida em teu rosto a cópia sua;

- 165 Apagado o esplendor dos Astros belos,
Se perderão dos dias os modelos,
E uma perpétua Luz, um mar de glória,
Fará das tuas Torres a vitória.
A Luz, a mesma Luz, de ti se fia,
- 170 E será o teu Deus o eterno dia.
Mares e Céus hão de tornar-se em nada;
Das rochas a dureza em ar voltada;
Os montes, sim, os montes abatidos;
Firmes do tempo sobre os vãos ruídos
- 175 Seus testemunhos viverão brilhantes;
E o poder e a palavra triunfantes
Do teu Messias no feliz governo,
Há de o teu Reino subsistir Eterno.

C. M. da C.



CINQUENTA ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA NA FLUP

ORG.
ARNALDO SARAIVA
FRANCISCO TOPA